

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

VINIL EM REDE: estudo sobre a cultura deste suporte
no Rio Grande do Sul

Fernanda Spíndola



Porto Alegre

2011

Fernanda Spíndola

**VINIL EM REDE: estudo sobre a cultura deste suporte
no Rio Grande do Sul**

Monografia apresentada como pré-requisito
para conclusão do curso de Biblioteconomia
da Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Me. Jeniffer Cuty

Porto Alegre

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Neto

Vice-Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretor: Prof. Ricardo Schneiders da Silva

Vice-Diretor: Profa. Dra. Regina Helena Van der Laan

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof. Dra. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Chefe Substituto: Profa. Dra. Sônia Elisa Caregnato

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Profa. Me. Gloria Isabel Satttadini Ferreira

Vice-Coordenadora: Profa. Dra. Samile Andréa de Souza Vanz

CIP – Brasil – Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

S757v Spíndola, Fernanda da Silva

Vinil em Rede: estudo sobre a cultura deste suporte no Rio Grande do Sul / Fernanda da Silva Spíndola. – 2011.

64 f.; il.

Acompanha um CD contendo parte dos registros em vídeo das entrevistas.

Monografia (graduação). – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, 2011.

1. Acervo Fonográfico 2. Disco - I. Cuty, Jeniffer II. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação III. Título.

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705- Campus Saúde

Bairro Santana, Porto Alegre – RS

CEP 90035-007

Telefone: (51) 3308-5146

E-mail: fabico@ufrgs.br

Fernanda Spindola

VINIL EM REDE: estudo sobre a cultura deste suporte no Rio Grande do Sul

Monografia apresentada no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Data da Aprovação: ___/___/___

Banca Examinadora:

Prof^a. Me. Jeniffer Alves Cuty

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Departamento de Ciência da Informação
Orientadora

Prof^a. Me. Marlise Maria Giovanaz

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Departamento de Ciência da Informação

Prof^a. Dra. Viviane Vedana

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós Graduação em Antropologia Social

*Aos co-autores desta pesquisa, que
através de suas narrativas permitiram
que eu adentrasse no universo do vinil.*

AGRADECIMENTOS

Agradecer é sempre uma tarefa complexa... mas vamos lá....

Dedico meu mais profundo agradecimento à Odete Nogueira, minha mãe. Se chego a conclusão deste estudo, em grande parte, é fruto da formação que me passou, leitora voraz e criatura tenaz, me ensinou que essas duas virtudes podem mover pequenos mundos.

Agradeço à Jeniffer Cuty, minha orientadora. No derradeiro semestre do curso de Biblioteconomia me ensinou que a pesquisa pode e deve ser prazerosa e que independente da profissão que escolhemos, não somos apenas NRs, somos humanos, trabalhando com e para outros humanos.

Agradeço à Discoteca Pública Natho Henn, onde quer que a gente passe, o ambiente nos transforma e nós transformamos o ambiente. Clichê eu sei, mas se aplica.

Agradeço às professoras Viviane Vedana e Juliana Cavilha, da disciplina de Antropologia Visual. Através de textos, exercícios e trabalhos me deram a luz que faltava neste estudo, permitindo que eu compreendesse melhor o universo etnográfico.

Agradeço aos meus informantes: Anderson, Tiago, Boris, Ionice, Patrícia, Frei Celso, Geísa, Julio César e Daniel. Sem vocês isso tudo seria uma grande “norma”. Agradeço também aos outros informantes, que foram observados e escutados, mas não foram descritos neste estudo.

Agradeço a alguns colegas da Fabico que não colaboraram exatamente com esta pesquisa, mas foram parceiros em outros trabalhos de igual importância ou simplesmente parceiros de um café nos intervalos: Magda e nosso inesquecível tesouro, Vera, parceirona do desgastante sexto semestre e Tailor, companhia de tantos cafés e que deixou saudades em todos nós.

Agradeço aos amigos que se interessaram pelo andamento da pesquisa e torceram para que terminasse logo e eu voltasse a ser uma pessoa normal, mas faço um agradecimento especial à Rosa Rieger, que ao bater na minha porta com comida caseira e um cesto de roupas limpas fez toda a diferença.

E agradeço a Deus, que tem sido muito generoso comigo...

*“And isn't it ironic...don't you think?
A little too ironic...and yeah I really do think...”
Alanis Morissette*

RESUMO

Esta pesquisa analisa a cultura do disco no Rio Grande do Sul e traça uma breve história deste suporte fonográfico dentro e fora do Estado. Tenta compreender este universo, através do estudo de redes e as relações estabelecidas entre os diferentes grupos que as compõem: comerciantes, colecionadores e documentalistas. Com metodologia de cunho qualitativo, utiliza como instrumentos de pesquisa o método etnográfico, a análise de fontes, a observação participativa e a entrevista não diretiva filmada. A partir das informações coletadas, esboça uma rede informacional e cultural formada a partir dos saberes e fazeres destes informantes. Demonstra através da análise de entrevistas, gráfico de redes e mapeamentos, como se dá a rede constituída a partir de relações com o disco no território gaúcho, observando que esta rede é parte de uma rede maior, de alcance mundial. As análises apontam para, no que nos toca como profissionais da informação, para um despreparo, proveniente da formação acadêmica, para lidar com acervos fonográficos. Fica clara a necessidade de tratarmos com maior cuidado esta questão, uma vez que possivelmente iremos nos deparar com alguma mídia fonográfica ao longo da carreira. Conclui trazendo observações sobre os benefícios da utilização do método etnográfico na pesquisa e a importância da preservação de acervos fonográficos como patrimônio cultural do Estado.

Palavras-chave: Disco. Etnografia. Acervo Fonográfico

RESUMEN

Esta investigación examina la cultura del disco en Rio Grande do Sul y esbozó una breve historia de la industria de la música de apoyo dentro y fuera del estado. Trate de entender el universo a través del estudio de las redes y relaciones que se establecen entre los distintos grupos que las componen: comerciantes, coleccionistas y responsables de información. Con una metodología cualitativa, utiliza como herramientas del método de investigación etnográfica, análisis de las fuentes, la observación participante y la entrevista no directiva filmado. De la información recogida, esboza una red informativa y cultural formado a partir de los conocimientos y prácticas de estos informantes. Demuestra a través del análisis de las entrevistas, las redes y las asociaciones de gráficos, cómo es la red de relaciones desde el disco en el territorio estatal, teniendo en cuenta que esta red es parte de una red más amplia, en todo el mundo. El análisis señala, lo que nos toca como profesionales de la información, a la falta de preparación, de la formación académica para manejar colecciones de fonógrafo. Es evidente la necesidad de tratar este tema con más cuidado, ya que se enfrentará posiblemente con alguna carrera discográfica medio-largo plazo. Los comentarios sobre la conclusión de llevar los beneficios de utilizar el método etnográfico en la investigación y la importancia de preservar el patrimonio cultural como colecciones fonográficas del Estado.

Palabras clave: Disco. Etnografía. Colección Fonográfica

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 - Estado atual do prédio da Casa A Elétrica	21
Foto 2 - DJ Anderson, na DPNH.....	25
Foto 3 - Boris mostra um de seus discos raros, imagem retirada da gravação .	26
Foto 4 - Entrevista com Tiago durante a Feira do Mercado.....	30
Foto 5 - Julio Cesar e Daniel no acervo da Livraria do Trem.....	31
Foto 6 - Sueli na loja O Colecionador	32
Foto 7 - Entrevista com Ionice no acervo da DPNH	35
Foto 8 - Geísa, junto ao acervo do MUSCAP	36
Foto 9 – Frei Celso no MUSCAP	37
Foto 10 - Patrícia junto ao acervo da Fundarte.....	38

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Diagramas de Paul Baran	11
Figura 2 - Diferença entre os discos de 33 rpm, 45 rpm e 78 rpm.....	12
Figura 3 - Comunidade Disco de Vinil	23
Figura 4 - Comunidade Disco é Cultura 33, 45, 78 RPM.....	23
Figura 5 - Rede distribuída dos informantes pesquisados.....	50
Figura 6 - Legenda de cores utilizadas no gráfico da rede.....	51
Figura 7 - Rede de documentalistas	52
Figura 8 - Mapeamento dos locais onde no decorrer deste estudo foram identificados indivíduos ligados ao vinil.....	53

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Lojas específicas no RS, levantamento parcial	28
Tabela 2 - Lojas não específicas no RS, levantamento parcial.....	28
Tabela 3 - Feiras específicas e não específicas no RS, levantamento parcial ..	28
Tabela 4 - Levantamento dos acervos de discos disponíveis no RS e suas dimensões aproximadas	34
Tabela 5 - Levantamento dos acervos de ainda indisponíveis no RS e suas dimensões aproximadas	34

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	03
1.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA	05
2 OBJETIVOS.....	07
2.1 OBJETIVO GERAL	07
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	07
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	08
3.1 COLECIONISMO	08
3.2 ESTUDO ETNOGRÁFICO	09
3.3 REDES SOCIAIS	09
3.4 DISCO.....	11
4 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	14
4.1 TIPO DE PESQUISA.....	14
4.2 UNIVERSO	15
4.3 INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS	15
4.3.1 Entrevistas não Diretivas.....	15
4.3.2 Vídeo.....	16
4.3.3 Fotografias	18
4.3.4 Diário de Campo	19
5 A CASA A ELÉCTRICA.....	20
6 INSERÇÃO EM CAMPO.....	22
6.1 COLECIONADORES.....	22
6.2 COMERCIANTES	27
6.3 DOCUMENTALISTAS.....	33

7 ENTREVISTAS	40
7.1 ENTREVISTA COM COLECIONADORES: Uma relação de paixão	41
7.2 ENTREVISTAS COM COMERCIANTES: Uma dupla relação.....	43
7.3 ENTREVISTAS COM DOCUMENTALISTAS: Rede pela preservação	46
8 VINIL EM REDE.....	50
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS.....	57
ANEXO A – Roteiro de entrevista para colecionadores/usuários.....	60
ANEXO B – Roteiro de entrevista para documentalistas.....	61
ANEXO C – Roteiro de entrevista para comerciantes.....	62
ANEXO D – Autorização para uso da imagem	63
ANEXO E – CD contendo trechos das entrevistas	64

1 INTRODUÇÃO

O disco foi ao longo do século passado o principal suporte de registro fonográfico no mundo, passando por diversas transformações em sua estrutura, até ser substituído pelo CD (*compact disc*), há aproximadamente vinte anos.

O que muitas pessoas desconhecem é que o Rio Grande do Sul (RS) foi pioneiro na indústria fonográfica, tendo sido berço de uma das quatro fábricas de discos que existiam no mundo no início do século XX, a Casa A Eléctrica em Porto Alegre, fundada em 1913. Poderíamos dizer que nascia aí um longo relacionamento entre o gaúcho e o disco de vinil, que perdura até hoje, contudo, seria simplificar a origem desta relação, que pode ser observada nos mais diversos ambientes da sociedade gaúcha. Essa afirmação preliminar é fundamentada na existência das melhores e mais antigas lojas de vinil do Brasil, feiras específicas, vendas ao ar livre por pequenos comerciantes, publicações, pesquisas e acervos. É importante destacar entre estes acervos, a Discoteca Pública Natho Henn (DPNH), uma das três discotecas públicas existentes no Brasil.

Mas como explicar esta proximidade com um suporte já em desuso, na era do mp3? O Rio Grande do Sul segue sendo um referencial de acervos fonográficos em disco no Brasil, desde os tempos da Casa A Eléctrica, quando um italiano aventureiro - Savério Leonetti - instalou sua visionária fábrica, que sob um selo regionalista não só no nome, mas no seu logotipo, gravou e prensou músicas gaúchas, brasileiras e internacionais, inclusive um dos primeiros tangos da história, o *El Chamuyo*.

Este estudo, através de uma pesquisa etnográfica, tem a intenção de percorrer estes caminhos, tentando compreender nossa proximidade com o suporte vinil, que de tão natural muitas vezes deixa de ser discutido e pensado, como algo inerente ao nosso cotidiano. Uma das hipóteses para que o disco tenha permanecido em evidência por tanto tempo seria a existência de redes, que tornaram possível o desenvolvimento de coleções, a comercialização e o colecionismo, não só com os mesmos integrantes, mas com a inserção de novos sujeitos nessas redes e, em consequência, o aparecimento de novos acervos e novas pesquisas sobre o tema.

A partir destas constatações, foi traçado um plano de pesquisa que, através de uma abordagem etnográfica, possibilitou conhecer melhor estes sujeitos e sua ligação com o disco. Não havia dúvidas que somente através de narrativas, de personagens ligados a esta rede, poderíamos chegar a algumas respostas ou até mesmo a novos questionamentos, citando Halbwachs (1950) “fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras”.

Não é tarefa simples realizar um estudo etnográfico. É preciso adentrar no universo a ser estudado, guiado pelas experiências e vivências dos indivíduos deste universo, sem perder de vista o próprio universo do pesquisador, o qual o possibilita distanciamento necessário para analisar esse “outro”, conforme Rocha e Eckert (2008) “A observação é então esta aprendizagem de olhar o Outro para conhecê-lo, e ao fazermos isto, também buscamos nos conhecer melhor”. Por esse motivo, a filmagem das entrevistas nos pareceu a forma mais adequada de registrar estes encontros, captando o nativo dentro do seu habitat: colecionadores e coleções, comerciantes e lojas, documentalistas e acervos.

Realizar um trabalho de conclusão do curso de Biblioteconomia com uma abordagem antropológica pode parecer algo fora do contexto, que foge à área em determinados momentos, mas vale acrescentar que este estudo objetivou conhecer melhor os usuários deste suporte tão singular e extremamente difundido no RS, não focando apenas o suporte e sim as pessoas que dão sentido a ele.

É importante também contextualizarmos o vinil na atualidade, não só no RS, mas no Brasil e no mundo. No Brasil, o vinil ganhou novo fôlego após a reabertura da fábrica de discos Polysom no Rio de Janeiro, única atualmente na América Latina, esteve fechada por dois anos, até ser reativada em 2009. A Polysom vem investindo em prensagens de discos principalmente de artistas nacionais, como Fernanda Takai, Nação Zumbi e Pitty, bem como artistas gaúchos: Cachorro Grande, Acústicos e Valvulados e Ultramen. No resto do mundo não é diferente, com destaque para os mercados da Inglaterra, EUA e Japão, onde a produção e consumo se intensificaram a partir de 2001. Segundo estatísticas da RIAA (Recording Industry Association of America), as

vendas de vinil em 2007 apresentaram um aumento de 46,2% em relação a 2006 no país. Ainda não foram publicadas estatísticas atuais, mas investimentos, como a reabertura da Polysom, demonstram que o suporte segue em ascensão. Em levantamento feito pela própria Polysom, foram identificadas 41 fábricas de vinil espalhadas por todos os continentes, sendo 15 destas localizadas nos Estados Unidos.

É importante visualizarmos que o culto ao vinil não é algo específico do RS, mas sim uma tendência mundial de pessoas que se ligam ao suporte e de pessoas que jamais se desligaram dele, o questionamento é como esta cultura segue peculiarmente acentuada no Estado gaúcho, ficando, possivelmente, apenas em desvantagem em relação a São Paulo no que diz respeito a consumo-comércio. É fato que o vinil jamais voltará a ser a mídia musical predominante, mas está comprovado que dificilmente deixará de ser utilizado.

1.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

Conforme visto, o disco, independente do seu tipo de rotação ou composição estrutural ainda se faz presente na sociedade, especialmente a sociedade gaúcha que é o foco deste estudo. Esta cultura, enraizada no RS principalmente através do colecionismo, também atingiu os profissionais da informação - bibliotecários, arquivistas, museólogos – que depois de formados, se viram diante de grandes acervos sem, na maioria das vezes, possuírem algum conhecimento sobre a cultura que envolve este suporte informacional, sobre seus usuários (coleccionadores), sobre os acervos existentes no RS e até mesmo como ligar tecnicamente com este material.

Identificar códigos da cultura do vinil no RS, em um contexto no qual até mesmo o CD já se tornou obsoleto, se faz necessário uma vez que o suporte é difundido em todo o Estado.

Como estudo de comunidade de usuários é preciso indagar quem são os usuários deste suporte e forma como se relacionam com o vinil, é verdade que este tipo de informação já foi tema de outros estudos, que podem nos servir de base dentro das unidades de informações. Mas o que propomos aqui é conhecer também quem são os profissionais da informação que estão à frente destes acervos no RS, como eles se relacionam entre si e com os usuários.

Não poderíamos excluir os comerciantes, que mantêm o suporte como item de comércio, incluídos nesta rede tanto pela renda como pelo fascínio que paira sobre a mídia.

Tentar compreender este universo, através do estudo de redes e as relações estabelecidas entre os diferentes grupos de que as compõem, é de extrema importância no desempenho profissional junto a estes acervos.

2 OBJETIVOS

Nos subitens a seguir serão apresentados os objetivos gerais e específicos deste estudo.

2.1 OBJETIVO GERAL

Entender, através de uma pesquisa etnográfica, a proximidade entre os gaúchos, de diversas camadas sociais com o disco de vinil e entender a popularidade deste suporte no Rio Grande do Sul.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos deste estudo são:

- Descrever a trajetória do disco no Rio Grande do Sul, Brasil e mundo;
- Compreender as marcas da cultura do vinil na trajetória de sujeitos ligados a este suporte, seja na comercialização, no colecionismo ou profissão (bibliotecários, arquivistas, museólogos), através de entrevistas não-diretivas e de observação participante;
- Identificar as redes no Estado, ligadas a este suporte, constituídas na internet ou em espaços institucionalizados tais como museus, bibliotecas, colecionadores.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A revisão bibliográfica deste estudo apresenta alguns dos principais conceitos e abordagens que foram utilizados ao longo do texto e que serviram de base para esta pesquisa.

3.1 COLECIONISMO

A atividade de colecionar está entre as mais antigas da história da humanidade, podendo ser observada em todos os seus períodos e épocas. Coletar, classificar e cultivar determinados objetos faz parte do cotidiano do homem desde o Período Paleolítico.

Existem diversas formas de colecionismo, isto é, diversas formas dos indivíduos se relacionarem com os objetos coletados:

Num primeiro nível de forma direta, fazendo prevalecer o valor utilitário desses objetos. Num segundo nível, quando alguns objetos são feitos para agirem produzindo ou modificando outros objetos - como é o caso dos instrumentos e das ferramentas. Um terceiro nível é possível quando vínculos com objetos são estabelecidos por caminhos indiretos, por mediações simbólicas, seja pela linguagem ou por imagens. E, por último, num quarto nível, o caso da acumulação, ou seja, o ato de colecionar objetos com a finalidade de sua simples posse ou exibição. (MURGUIA, 2009, p.89)

Mas como explicar o fato de que um objeto, geralmente tido como item de coleção, ainda seja suporte informacional e esteja presente em diversos acervos? Se, conforme Vergueiro (1989), as políticas de inclusão e exclusão de materiais dos acervos, deve observar a necessidade de sua respectiva comunidade de usuários, talvez seja possível afirmar, preliminarmente, que estes acervos sejam alguns dos “nós” a serem pesquisados.

Para que o profissional bibliotecário, arquivista ou museólogo possa entender a relação que se dá entre os gaúchos e o disco de vinil é preciso tentar ver o suporte sob a ótica do colecionador que, sem dúvida, foi o responsável pela existência de acervos (comerciais e públicos) tão ricos no Estado, “o colecionador consegue lançar um olhar incomparável sobre o objeto,

um olhar que vê mais e enxerga diferentes coisas do que o olhar do proprietário profano” (BENJAMIN, 2006).

3.2 ESTUDO ETNOGRÁFICO

O estudo etnográfico é uma das mais antigas ferramentas utilizadas pela Antropologia, consistindo basicamente em uma forma de estudar grupos, culturas e ambientes estranhos ao pesquisador, que busca observar determinado contexto através da perspectiva destes sujeitos. Esse processo se dá através de observação, entrevistas não-diretivas, fotografias e convivência com estes sujeitos nos seus ambientes.

Já o método etnográfico é a base na qual se apóia o edifício da formação de um(a) antropólogo(a). A pesquisa etnográfica constituindo-se no exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir) impõe ao pesquisador ou a pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele ou por ela observado através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade por meio das quais a realidade investigada se lhe apresenta. (ROCHA e ECKERT, 2008, p. 2)

Esta técnica de pesquisa é amparada por diversas ferramentas, como entrevistas, observações, vídeos, fotografias e diários de campo. Segundo Geertz (1978), estes processos não definem o estudo, mas sim o seu esforço intelectual e que analisar determinada cultura requer uma descrição densa do que se observou, aprofundando as reflexões sobre os simbolismos presentes nas ações desta cultura.

3.3 REDES SOCIAIS

As redes sociais podem ser entendidas como um conjunto de indivíduos envolvidos em atividades afins, que de alguma forma se relacionam, seja através do colecionismo, esporte, religião, etc., sendo estas redes importantes formadores da identidade dos seus participantes. A análise de redes sociais se baseia no mapeamento das relações interpessoais de determinada comunidade ou agrupamento de indivíduos, ligados através de uma atividade ou característica em comum, esta análise é representada através de gráficos, que facilitam a visão das relações estabelecidas. As redes são instrumentos de

análises utilizadas por diversas áreas do conhecimento, como a Sociologia, Medicina, Marketing e mais recentemente a Ciência da Computação.

Kastrup (2004), afirma que o único elemento constitutivo de uma rede é o “nó” e que pouco importa suas dimensões ou limites, o que as definem verdadeiramente são suas conexões e suas bifurcações. Estes “nós” são justamente os pontos que ligam uma rede, podendo ser um indivíduo, uma associação, uma cidade, etc. Para Wasserman e Faust (1994), a existência de uma rede social se baseia em dois fatores fundamentais: indivíduos e conexões, onde são estabelecidas relações que podem ser das mais diversas dentro de uma única rede. Mas cabe observar que o elemento principal de uma rede são seus atores (nós):

Os atores são o primeiro elemento da rede social, representados pelos nós (ou nodos). Trata-se das pessoas envolvidas na rede que se analisa. Como partes do sistema, os atores atuam de forma amoldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais. (RECUERO, 2009, p. 25)

O estudo da rede de colecionadores, comerciantes e acervos ligados ao vinil no Rio Grande do Sul, facilitará o entendimento da difusão permanente do suporte na região. Conforme Marteleto (2001), empregar o método de análise de redes sociais, juntamente com uma leitura qualitativa, permitem-nos compreender a forma de comunicação, a produção de conhecimento e o uso destas informações por estes grupos sociais. Visto isso, podemos afirmar que o grande motor destas redes é a informação, em que este conhecimento empírico se dissemina entre seus componentes ao longo de décadas, no caso do vinil.

Quanto à estrutura das redes, podem ter diversas formas, conforme cada autor, mas a mais difundida e aceita nas diversas áreas do conhecimento é a proposta por Baran (1964), centralizadas, descentralizadas e distribuídas:

Figura 1 - Diagramas de Paul Baran.

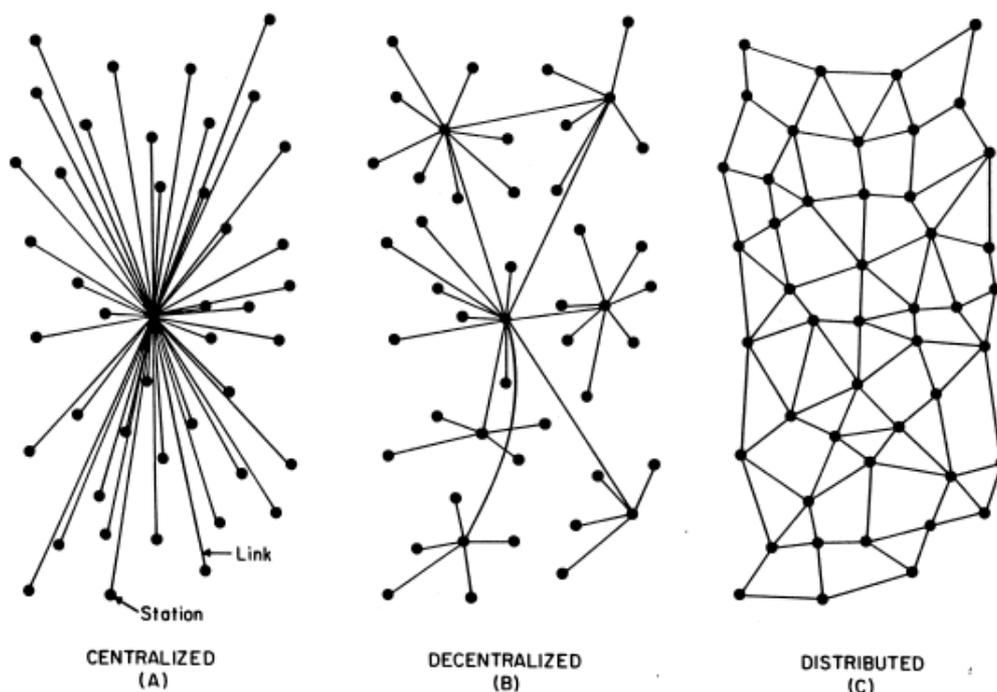


FIG. 1 – Centralized, Decentralized and Distributed Networks

Fonte: Baran (1964).

Para a Ciência da Informação, entender como se estabelecem estas relações entre colecionadores, comerciantes e os próprios documentalistas, pode ser entendido como um estudo de comunidade de usuários, a partir do qual podemos avaliar e propor mudanças na forma de vermos estes acervos e rever o tipo de serviço oferecido a este público específico.

3.4 DISCO

A história dos registros fonográficos começa a ser escrita a partir de 1857, quando o francês Leon Scott de Martinville inventou o *Phonoautograph*, que registrava vibrações sonoras. Mesmo sem ter a capacidade de reproduzir o som registrado, os esforços de diversas pessoas, em diversas partes do mundo, redobraram-se para obter uma gravação que pudesse ser reproduzida.

Foram muitas invenções e melhoramentos, como o cilindro criado por Thomas Edison em 1877, e o mp3 em 1997, mas até hoje nenhum suporte durou tanto no mercado como o disco. Inventado por Emile Berliner sofreu

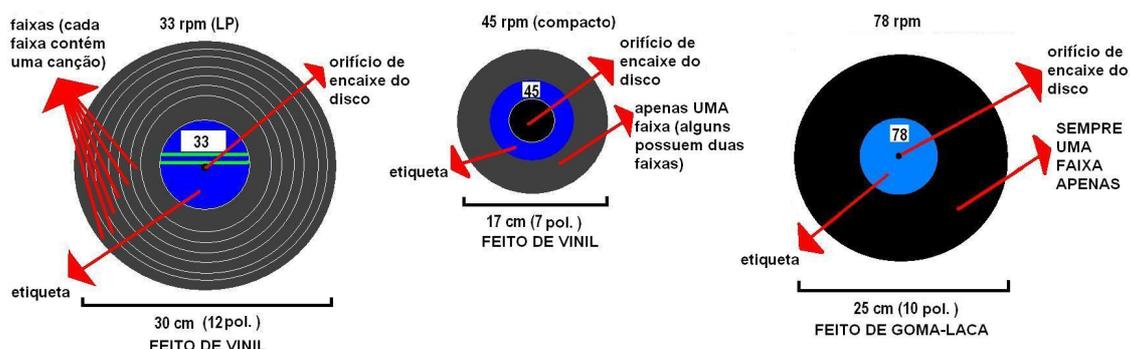
rápidas transformações, até chegar nos long plays de vinil, comercializados até hoje.

Valendo-se do processo de fotogravura preconizado por Cros, propôs usar discos em lugar de cilindros. Entretanto os resultados foram tão parcos que deixaram poucas esperanças. Ao final de algum tempo de experiências, Berliner patenteia um novo processo de gravação sonora, agora empregando o método convencional de gravura usado por artistas e gravadores. O novo sistema consistia em cobrir um disco de zinco com uma substância gordurosa e sobre ela fazer uma gravação. (FRANCESCHI, 1984, p. 53)

O disco inicialmente foi fabricado a partir da goma-laca, uma resina natural que ao ser processada, originava discos de consistência dura, mas facilmente quebráveis. Este tipo de suporte era fabricado inicialmente em 78 rpm e com apenas um lado de registro sonoro. Mesmo com a fabricação de discos de duas faces o tempo de gravação ainda era um desafio, pois nos discos de 78 rpm o tempo de gravação era curto, isto é, poucas músicas, entre duas e quatro faixas no disco todo.

Em 1930 surge o primeiro disco de vinil, conhecido como LP (Long Play), trouxe revolução ao possibilitar maior tempo de gravação e material mais leve e resistente, a exemplo do CD, era uma mídia acessível para poucos devido ao alto valor do disco e dos aparelhos de reprodução. Popularizado em 1948, se tornou rapidamente o suporte fonográfico predominante, em 45 e 33 1/3 rpm. Atingindo seu auge nas décadas de 70 e 80 o vinil se tornou acessível e movimentou bilhões de cifras no mundo fonográfico. Na figura a seguir, as diferenças entre os discos em suas evoluções.

Figura 2 – Diferença entre os discos de 33 rpm, 45 rpm e 78 rpm.



Fonte – Wikipédia.

Reduzir o disco a um suporte fonográfico, feito de material plástico ou de resina natural, com diferentes quantidades de ranhuras em sua superfície, seria no mínimo um lapso neste estudo. Um fator determinante no fetichismo que envolve esta mídia está nas artes gráficas de suas capas e encartes. Muitas coleções, inclusive, fazem-se a partir de capas e *picture discs* (arte gráfica inserida no próprio disco), devido à riqueza nas suas criações. Neste aspecto o disco jamais foi superado por outra mídia, o atrativo gráfico desenvolvido no espaço de 12 x 12 cm dos encartes de CD's não é comparado aos 31 x 31 cm das capas de discos.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Este capítulo detalha o conjunto de técnicas de pesquisa, que foram adotados para a realização deste estudo, selecionadas de acordo com o tipo de pesquisa e objetivos visados.

4.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa foi do tipo qualitativa, tendo em vista que seu objetivo principal era, através de um exercício etnográfico, entender como se constitui e se configura uma rede de indivíduos ligados ao vinil. Conforme Chizzotti (2006), o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, assim sendo, através da observação de uma determinada rede e seus componentes, espera-se entender melhor este universo.

Para este tipo de pesquisa é fundamental um recorte de tempo e espaço no qual o estudo será desenvolvido, contudo o número de indivíduos entrevistados não é algo pré-determinado e imutável, ao contrário, é algo que pode variar de acordo com os resultados que vão sendo obtidos ao longo da pesquisa.

Numa metodologia de base qualitativa o número de sujeitos que virão a compor o quadro das entrevistas dificilmente pode ser determinado a priori – tudo depende da qualidade das informações obtidas em cada depoimento, assim como da profundidade e do grau de recorrência e divergência destas informações. Enquanto estiverem aparecendo “dados” originais ou pistas que possam indicar novas perspectivas à investigação em curso as entrevistas precisam continuar sendo feitas. (DUARTE, 2002, p. 143)

Ao contrário da pesquisa quantitativa, este tipo de pesquisa não se preocupa em traduzir resultados exatos, através de números ou gráficos, mas sim em compreender o grupo ou o fenômeno no qual o estudo se foca.

4.2 UNIVERSO

O universo da pesquisa foi focado em acervos em atividade no Rio Grande do Sul, bem como comerciantes e colecionadores envolvidos com o disco no Estado. Os informantes foram sendo selecionados a partir das relações sociais estabelecidas com outros atores da rede.

4.3 INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS

Os instrumentos utilizados na coleta de dados foram observações participantes, entrevistas não-diretivas filmadas (ver anexos), fotografias e diário de campo, além de pesquisa de fontes para delimitação do contexto histórico, social e cultural.

4.3.1 Entrevistas não diretivas

Entrevistas no campo científico consistem no encontro entre dois sujeitos, pesquisador e informante, com o objetivo de conhecer melhor o universo do “nativo”, coletando as informações visadas pela pesquisa. Segundo Haguette (1997) podemos definir a entrevista no campo científico como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro entrevistado”, ferramenta básica da sociologia, é utilizada também em diversas áreas da psicologia.

Existem diferentes tipos de entrevistas científicas, que visam diferentes tipos de pesquisa e buscam resultados distintos, como as entrevistas estruturadas (fechadas), não estruturadas (não-diretivas ou abertas), entrevista projetiva, etc. O que estas entrevistas têm em comum é a necessidade de um planejamento para sua posterior aplicação. É preciso um roteiro, mesmo nas entrevistas não diretivas, e uma entrevista teste, para que o pesquisador possa avaliar se é possível atingir seus objetivos e para que possa igualmente fazer adaptações, caso necessário.

Por se tratar de um exercício etnográfico, a forma de entrevista mais indicada é a não diretiva ou não estruturada, de caráter exploratório, a qual não

apresenta um roteiro fechado e que, através dela, o pesquisador consiga estimular o informante a expor suas experiências e vivências. Essa metodologia de entrevista permite uma interação mais aprofundada com o sujeito entrevistado, permitindo que este possa relatar fatos que muitas vezes não seriam abordados se a entrevista fosse fechada. Thiollent (1982) observa sobre o objetivo da entrevista não diretiva.

No processo de investigação, o objetivo da entrevista não-diretiva consiste em captar as identificações através da fala dos indivíduos, mediante a superação das censuras que nelas se manifestam. Isto permitiria uma apreensão da ideologia nas suas dimensões social e individual. (THIOLLENT, 1982, p. 89)

O processo de entrevista não-diretiva apresenta vantagens e desvantagens abordadas por diversos autores, mas dentro da minha experiência neste estudo a principal dificuldade foi manter o foco, inicialmente, muitas conversas acabaram rendendo vários minutos sobre a atual Prefeitura de Porto Alegre ou sobre algum filme em cartaz na capital. É verdade que isso também foi vantajoso, no sentido de facilitar minha aceitação em campo e permitir uma maior naturalidade nos depoimentos.

4.3.2 Vídeo

Optar por filmar as entrevistas, de início, foi uma escolha objetivando a praticidade em transcrever os depoimentos e ter a possibilidade de enxergar, posteriormente, detalhes que nos passaram despercebidos durante a entrevista. Fleck (2008) observa a mesma questão em sua vídeo-etnografia *Vinileiros*, que também traz à tona o universo do vinil. Analisando o ato do colecionismo e consumo, ele destaca as fortes vantagens que o vídeo tem sobre o tradicional áudio transcrito, pois é possível analisar a expressão corporal e o tom em que cada resposta foi dada ao entrevistador.

É importante salientar minha total falta de conhecimentos em produção de vídeos, o que eu sabia era fruto de algumas leituras, mas ainda estava à margem das técnicas de vídeo e vídeo-etnografia. Mesmo sem muita confiança no processo de filmagem, continuei firme na ideia de que para efeitos de análise e interpretação, seria a metodologia mais adequada para registrar as

narrativas, a dúvida ainda estava possibilidade de inserir estas imagens filmadas no trabalho.

O equipamento utilizado foi modesto, duas câmeras digitais básicas, com opção de filmagem, não eram exatamente as mais indicadas, mas cumpriram seu propósito: Samsung PL100 e Panasonic Lumix DMC-LZ5, acompanhadas de um tripé gentilmente cedido por minha orientadora, foram meus olhos auxiliares neste processo de estranhamento deste universo que me propus a estudar. O processo mais indicado, teria sido de primeiramente me aprofundar nas técnicas e recursos visuais que seriam necessários para captar imagens através de filmagem, sendo aluna de um curso no qual não é comum o uso desse tipo de ferramenta de pesquisa, este “aprender fazendo” resultou em imagens nem sempre com a qualidade que eu esperava. Em relação ao enquadramento, as imagens foram feitas em plano médio, com o informante enquadrado da cintura para cima.

São muitos os desafios que envolvem o processo de filmagem de determinado grupo para fins de análise antropológica, Fonseca (1995), no texto em que relata de sua experiência nas filmagens de *Ciranda, Cirandinha*, fala sobre o pesar das cenas que nossas câmeras não registram e que muitas vezes consideramos de extrema importância. Durante o campo, deparei-me com essa situação diversas vezes, talvez pelo pouco tempo que tive para negociar a inserção da câmera no campo, com raras exceções, os informantes se sentiram inibidos perante a objetiva, descontraíndo a conversa e as ações somente após o equipamento ser desligado. A interação em campo entre eu e os informantes também não pôde ser registrada em vídeo, o essencial do que aprendi, das relações que estabeleci ficaram em *off*. Conforme Salles:

Ao longo desse processo em que uma pessoa é transformada em personagem, inevitavelmente dados são perdidos. A ausência na tela do aperto sincero de mão quando chegamos sonega a informação de que o personagem foi gentil. (SALLES, 2005, p. 68)

Não houve a pretensão de fazer um “filme etnográfico”, por falta de conhecimentos técnicos e metodológicos. Contudo, considerei justo transformar estas imagens e narrativas, que estes informantes compartilharam comigo, em um pequeno vídeo com trechos de suas entrevistas. Se em algum

momento foi preciso filmar novamente porque o informante não gostou da blusa que usava no momento da primeira filmagem ou em outro foram necessários vários cortes porque o informante fazia um esforço imenso para falar diante da câmera, esta experiência de interação e compartilhamento com o personagem através do vídeo foi gratificante.

4.3.3 Fotografias

A fotografia também foi um importante instrumento de registro adotado como ferramenta neste estudo. Mesmo já tendo uma relação próxima com a técnica há alguns anos, me faltava a experiência da fotografia etnográfica, me faltava um olhar mais humano - no sentido do gesto - e não somente estético sobre o campo de estudo. Inicialmente, procurei registrar o momento das entrevistas, com o sistema de programação da câmera ou com a ajuda de outro, como no caso da entrevista na Feira do Mercado. Esta visão, talvez demasiadamente documental, é observada por Bittencourt (1998), quando nos fala que a fotografia é muitas vezes utilizada como prova de autenticidade de que o pesquisador de fato esteve naquele campo.

Com o tempo, leituras e a compreensão que ambos me proporcionaram, passei a me preocupar em registrar a interação entre os informantes e o seu “habitat”, seus saberes e fazeres relacionados ao vinil. É verdade que raramente consegui chegar a este nível através da fotografia, primeiramente por ser um exercício de um novo olhar através da lente e depois, por ter dado prioridade para as filmagens. A imagem, de uma forma geral, mas especialmente a fotografia, tem papel importante em estudos etnográficos:

A imagem pode e deve ser utilizada como uma narrativa visual que informa o relato etnográfico com a mesma autoridade que o texto escrito. Mais do que representar fatos visíveis, tais imagens acrescentam outros meios de representação à descrição etnográfica. (BITTENCOURT, 1998, p. 199)

Este processo de revisão de conceitos e a busca por adequação das imagens dentro do contexto do trabalho ficam sutilmente visíveis através das imagens anexadas ao texto. A imagem do informante Boris, por exemplo, foi retirada da filmagem e não pelo processo de captura tradicional, um recurso

híbrido, pois o momento em que ele retira o disco raro de dentro da capa e a expressão facial daquele momento, dificilmente poderiam ter sido reproduzidos posteriormente com a mesma veracidade. Tendo sido utilizadas as mesmas câmeras utilizadas para as filmagens, também fica evidente a diferença de qualidade entre as imagens capturadas.

4.3.4 Diário de campo

O diário de campo se constitui em uma ferramenta básica do pesquisador durante um estudo etnográfico, anotar observações, detalhes e qualquer informação que no momento parecer relevante, contribui de forma significativa para uma análise posterior, onde o etnógrafo pode aliar a teoria com suas observações pessoais e empíricas, provenientes de sua estada em campo, conforme Rocha e Eckert, (2008, p. 2), o diário de campo tem uma função pontual:

O caderno de notas e o diário de campo são instrumento de transposição de relatos orais e falas obtido desde a inserção direta do(a) pesquisador(a) no interior da vida social por ele ou por ela observada.

O diário de campo também foi uma ferramenta estranha no início da pesquisa, a tarefa imposta por minha orientadora, de anotar observações sobre a pesquisa em campo me pareceu desnecessária e sem sentido de início. No decorrer das semanas e meses, para minha surpresa, as anotações feitas passaram a compor parte de uma memória organizada, uma linha de pensamento acessível de forma clara somente através daquelas anotações, detalhes sobre datas, nomes e impressões estavam ali. Esta perspectiva influenciou a criação de um blog, onde postei esporadicamente observações sobre o andamento da pesquisa. Este recurso foi bem recebido pelos informantes, no qual logo após a realização das entrevistas, podiam acessar o *feedback* do que havíamos conversado. Neste blog serão postadas também os resultados e futuros frutos desta pesquisa e pode ser acessado através do link: <http://vinilemrede.blogspot.com/>.

5 A CASA A ELÉCTRICA

Não há como falar de discos no RS sem dedicar atenção especial à Casa A Eléctrica. A história da fábrica de discos, que transformou o Rio Grande do Sul em um dos pólos de gravação em disco, em pleno início do século XX, fascinou diversos pesquisadores e rendeu publicações e pesquisas ao longo dos anos.

Se nos dias de hoje, nossos artistas gravam em estúdios em São Paulo e exterior, durante o período de atividade da Casa A Eléctrica (1913-1924) eram gravados no RS não só obras de artistas locais, mas principalmente de artistas das Repúblicas Platinas, que não viam mais a necessidade de se deslocarem até o Rio de Janeiro ou outros países como Alemanha e Estados Unidos para gravarem e prensarem suas obras. O maior pesquisador da história da fábrica foi o músico Hardy Vedana, falecido em 2009, em uma declaração para um jornal gaúcho nos deu uma noção do que foi essa época: “foi um centro de referência. Naquela época, vinham muitos músicos do Uruguai e da Argentina gravar aqui.” (Zero Hora, 2003).

Pouco conhecida pelos gaúchos, a Casa A Eléctrica teve sua história iniciada nos primeiros anos do século XX, quando o italiano Savério Leonetti desembarcou nas Américas com a intenção de buscar novas oportunidades. Passando pelos EUA e Argentina, acabou se estabelecendo em Porto Alegre, onde vislumbrou um mercado e a oportunidade que procurava. Instalado na Rua dos Andradas, nº 302, iniciou a atividade de comercialização de gramofones e agulhas, de sua própria fabricação, o que para o local e a época representou uma revolução comercial e cultural, pois tornou, consideravelmente, mais acessível aos gaúchos equipamentos até então importados.

Após o início próspero da A Eléctrica, nome dado por vender essencialmente materiais elétricos, Savério Leonetti e seu irmão Emílio Leonetti iniciaram um novo empreendimento, a gravação e prensagem de discos na Casa A Eléctrica, localizada na Rua Sergipe, n. 9, em zona então rural de Porto Alegre. Pioneirismo em marketing, a fábrica localizada em uma “casa de campo” porto-alegrense era uma das quatro fábricas existentes no mundo entre 1913 e 1924.

Foto 1 – Estado atual do prédio da Casa A Elétrica.



Fonte: Marcello Campos.

Tema constante de reportagens, pesquisas e até filme, o que sobrou da Casa A Elétrica já foi tombado pela Equipe do Patrimônio Histórico e Cultural (EPAHC) da Secretaria de Cultura de Porto Alegre, mas segue aguardando a solução de impasses judiciais. Idealizado por Hardy Vedana, o local deveria abrigar o Museu da Imagem e do Som de Porto Alegre, resgatando esta singular passagem da história gaúcha. Por isso, este capítulo é dedicado aos que iniciaram esta rede, de apaixonados por discos e pela música.

Convém também ressaltar que a Casa serviu de bandeira para um movimento, liderado por Hardy Vedana, que lutou pelo resgate do patrimônio cultural que a fábrica representa para os gaúchos. Vedana, ao idealizar a criação do Museu, já era guardião da mais rica coleção de discos do selo Gaúcho e de um vasto acervo de materiais que narravam a história do pioneirismo do Estado na produção fonográfica mundial. Material este que, após seu falecimento, segue aguardando que um novo ator desta rede tome a frente deste processo de resgate e preservação.

6 INSERÇÃO EM CAMPO

Mesmo já tendo contato a um tempo considerável com o universo do vinil, durante meu estágio na DPNH, a inserção em campo não foi das mais simples. A etapa de observação e exploração do campo foi longa, até que eu tivesse a confiança necessária para abordar possíveis informantes. Mesmo pela internet não é tarefa simples convencer o outro de que suas vivências e atividades nos são interessantes. Segundo Rocha e Eckert (2008) “As primeiras inserções no universo de pesquisa conhecidas como “saídas exploratórias”, são norteadas pelo olhar atento ao contexto e a tudo que acontece no espaço observado.”, esta observação foi fundamental para formular uma série de questionamentos sobre os indivíduos ligados ao suporte.

Foram diversas saídas exploratórias, fosse para a realização de entrevistas filmadas, fosse para agir como uma colecionadora de vinil em alguma das muitas lojas de Porto Alegre ou fosse para visitar algum acervo fonográfico, acabei por me sentir à vontade circulando neste pequeno mundo, onde alguns me aceitaram e outros não. A forma de abordagem e algumas observações feitas durante as entrevistas filmadas serão descritas nos subcapítulos a seguir.

6.1 COLECIONADORES

O contato com os colecionadores já vinha sendo feito de forma espontânea e não sistemática, no período em que estagiei na DPNH. Por lá apareciam, embora raramente, colecionadores em busca de alguma gravação rara ou apenas para desfrutar do ambiente da catalogação. Chegavam, geralmente, em silêncio justificando: “só tô dando uma olhada”, andando perto das estantes, poucos se encorajavam a tocar no acervo, talvez por não saberem se poderiam ou não. Muitos permanecem alguns minutos em silêncio diante do acervo de aproximadamente 35 mil discos, e então, iam embora.

Para esta aproximação, optei pela internet e a rede social *Orkut*, através de um perfil pessoal, em que deixei claras as intenções da pesquisa, inserindo-me nas seguintes comunidades: *Disco de Vinil* e *Disco é Cultura 33, 45, 78*

RPM. Nestas comunidades criei tópicos explicando a pesquisa e convidando colecionadores de discos do RS a colaborar com a pesquisa.

Figura 3 – Comunidade Disco de Vinil.

The screenshot shows the Orkut community page for "Discos de Vinil". The page has a light blue header with the Orkut logo and navigation tabs for "página inicial", "perfil", "scraps", and "comunidades". A search bar is located in the top right corner. The main content area is titled "Discos de Vinil" and includes a description, a list of moderators, and a list of related communities. The description reads: "Seja bem-vindo à maior comunidade sobre discos de vinil do Orkut! Por favor, ajude a manter a organização postando sobre cada assunto em seus devidos tópicos: Venda de discos, Compra de discos, Venda de toca-discos e acessórios, Sebos e lojas especializadas, Fuja dos golpes! Evite criar tópicos desnecessários e respeite os outros membros. A moderação agradece!". The moderators listed are Gabriel, Raimundo Poeta, Huguinho K., Vinícius, Lucas Buzele..., Ricardo, and Sir Dérík G. 2. The community was created on April 9, 2004, and has 29,720 members. The right sidebar shows a grid of member profiles and a section for related communities.

Figura 4 – Comunidade Disco é Cultura 33, 45, 78 RPM.

The screenshot shows the Orkut community page for "Disco É Cultura 33, 45, 78 RPM". The page has a light blue header with the Orkut logo and navigation tabs for "página inicial", "perfil", "scraps", and "comunidades". A search bar is located in the top right corner. The main content area is titled "Disco É Cultura 33, 45, 78 RPM" and includes a description, a list of moderators, and a list of related communities. The description reads: "Comunidade aberta a todos aqueles que consideram o vinil insuperável enquanto 'mídia' sonora. Pessoas abnegadas amantes do maravilhoso som analógico e que sabem que aquela 'circunferência achatada' envolve muito mais do que música... envolve arte, sentimento, um estranho e místico ritual de amor e que ademais Disco é Cultura!!". The moderators listed are Bruno, Gustavo DJ Old School, Diego (oVo), Lourival, Naiara latifa, Ana Paula, Huguinho K., Rodolfo Anselmo, and Yuri Thiago. The community was created on April 9, 2004, and has 770 members. The right sidebar shows a grid of member profiles and a section for related communities.

A vantagem da utilização desta ferramenta da internet foi ter acesso visual às coleções destes sujeitos, que em sua maioria, fazem questão de compartilhar imagens de suas coleções e discos favoritos. Através da análise do perfil e das imagens, bem como as regiões do Estado em que residiam, foi

possível delimitar os informantes relevantes à pesquisa e ao curto espaço de tempo para a realização desta monografia.

A aproximação com estes sujeitos foi gradual, muitos se interessam pela pesquisa, mas poucos estavam dispostos a de fato contribuir. Alguns por considerarem suas coleções pequenas, outros por não entenderem no que o estudo pudesse contribuir. Ainda observo que alguns não aderiram à pesquisa por falta de tempo disponível. Contudo, aqueles que concordaram em participar, fizeram com que eu compreendesse, através de suas narrativas, a razão deste suporte não ter sido esquecido nem por um momento em mais um século de vida.

Apesar do reconhecimento inicial de campo com colecionadores, ter sido feito virtualmente, minha primeira entrevista foi com um colecionador praticamente voluntário, Anderson Freitas. Ele é DJ profissional e faz do disco um instrumento de trabalho. A aproximação aconteceu na DPNH, onde o Anderson iniciou, este semestre, a ministrar aulas de discotecagem em vinil. Ao saber da minha pesquisa, mostrou-se extremamente interessado, principalmente por entender a importância do estudo para a divulgação da cultura do vinil. A entrevista com este informante foi feita na DPNH, por questão de deslocamento e tempo, foi de comum acordo que a Discoteca seria o local mais indicado.

Antes de gravarmos a entrevista efetivamente, pude ter contato com o Anderson diversas vezes dentro da DPNH, todas as vezes que este esteve na Discoteca acertando detalhes da oficina de DJs, visitava o acervo de discos, como todo colecionador que se preze. Desta forma, a entrevista de fato, foi apenas um registro filmado de todo um compartilhamento de experiências sobre o universo do vinil, durante o tempo em que foi organizada a oficina juntamente com a direção da DPNH.

Foto 2 – DJ Anderson, na DPNH.



É impressionante a relação que o Anderson tem com o vinil e com a cultura *black*, prova de que a sobrevida do vinil na última década não se ateu a gêneros musicais. Durante a pesquisa de campo pude observar coleções das mais variadas, com ou sem foco em um determinado tipo de música. Conforme vemos nas análises e transcrições no decorrer do trabalho, a ligação deste colecionador foi construída a partir da convivência familiar, na qual a mãe colecionava vinis e tratava o suporte como uma necessidade cultural da família. No detalhe, a camiseta usada pelo Anderson no dia da entrevista: “Save the Vinyl, uhuru!”.

Além de colecionador, Anderson é músico da Banda Ultramen, que sob a sua influência lançou álbuns em vinil quando se alardeava a extinção da mídia.

Eu fiz questão, incomodei eles pra gente lançar esse vinil aí, se chama Olelê Seis Tiros, incomodei eles. O Tonho [vocalista] também é amarrado em vinil, hoje também ele fez o disco dele, ta fazendo carreira solo, ele fez o disco dele e na época ele deu uma grande força pra gente fazer. O Malásia [percursionista] também ele é ligado em vinil, também deu uma força. Então a

maioria da banda deu uma força assim, eles ficaram meio assim: “pô, vinil, quem é que vai comprar vinil agora no ano 2000?”, chegou a rimar né [risos], mas foi bem assim. [...] Vamos fazer 500 cópias desse disco, acho que vai sair. [...] Foi todos os vinis, hoje não existe mais vinil da Ultramen.
(Anderson)

Após o término da Ultramen, Anderson seguiu fazendo discotecagem e lançando vinis, foi o primeiro a fazer um disco de batidas e efeitos no Rio Grande do Sul: Terrorismo Sonoro, v. 1 e v. 2.

Avançando dentro de campo, foi que entrei em contato com um novo informante, que daria grande contribuição ao estudo, Boris Henkin, colecionador de vinil desde os 12 anos de idade e com uma relação autêntica de colecionismo com o vinil. O contato foi feito através da internet, onde vi fotos da coleção e mantive o contato inicial com o informante. Boris me propôs que a entrevista fosse feita em sua casa, onde ele poderia me mostrar sua coleção de discos e até mesmo escutá-los.

Foto 3 – Boris mostra um de seus discos raros, imagem retirada da gravação.



De todas as entrevistas feitas até então, esta foi sem dúvida a mais espontânea que algum dos informantes já havia me concedido. Boris me convida a entrar e me mostra sua coleção, que apesar de não ser muito grande é encantadora. Abre o baú onde guarda seus discos, vai retirando um a um,

todos têm sua determinada ordem e sabe a história e o valor pago por cada um.

Até então já havia interagido com diversos colecionadores, entrevistei alguns e conversei com muitos, mas não havia entendido a real dimensão de uma relação entre colecionador e sua coleção. Ler matérias, artigos e livros sobre esse tema também nos mantém à margem disso, temos a teoria, mas nem de longe temos a real noção do que motiva a ação de colecionar. Vendo Boris me apresentar sua coleção, sabendo da história e valor de cada disco, era a peça que ainda faltava no estudo. **(Diário de campo, 14 de maio de 2001)**

Mais uma vez me surpreendo em meu campo diante dos imprevistos que um estudo etnográfico pode apresentar. Enquanto nas demais entrevistas os informantes foram passivos no sentido de mostrarem o que eu gostaria de ver, Boris sabia exatamente o que gostaria de mostrar, guiei a câmera da forma como ele conduziu a entrevista.

Eu inclusive encomendei um vinil que deve chegar no sábado, vou buscar ele de manhã pra abrir na frente da câmera. Comprei pela internet, se eu tiver sorte vem um de 7 polegadas de brinde [risos].
(Boris)

E de fato, no sábado conforme havia planejado, Boris abre diante da câmera o tão esperado vinil diante da minha objetiva. Fala-me sobre a gravadora, sobre a banda e o processo de compra, então de forma totalmente imprevista, levanta-se e coloca o vinil recém chegado para tocar. O ato de retirar o vinil de sua capa, colocá-lo suavemente sobre o prato, pousar a agulha sobre o disco e aguardar foi uma cena que vi inúmeras vezes, mas naquele momento, dentro de campo e diante da câmera, para mim foi uma espécie de revelação.

6.2 COMERCIANTES

Contatar comerciantes talvez tenha sido a parte da pesquisa mais simples e de maior receptividade por parte dos informantes. Não existem muitas lojas pelo Estado, na grande maioria são pequenos comerciantes,

atuantes em pequenas feiras específicas ou juntamente com sebos e antiquários. A seguir, tabelas com um levantamento preliminar destes locais:

Tabela 1 – Lojas específicas no RS, levantamento parcial.

LOJAS ESPECÍFICAS	CIDADE
Boca do Disco	Porto Alegre
Toca do Disco	Porto Alegre
Tomba Discos	Porto Alegre
Classic Rock	Porto Alegre
Flora Som	Porto Alegre
Época Som	Porto Alegre
Stoned Discos	Porto Alegre
Tara Records	Porto Alegre
Garagem do Som	Santa Maria
Zé Carioca	Pelotas

Tabela 2 – Lojas não específicas no RS, levantamento parcial.

LOJAS NÃO ESPECÍFICAS	CIDADE
O Colecionador	Caxias do Sul
Livraria do Trem	São Leopoldo
Livraria Cultura	Porto Alegre
Sebo da Cultura	Santa Margarida do Sul
GN Sebo	Pelotas

Tabela 3 – Feiras específicas e não específicas no RS, levantamento parcial.

FEIRAS	CIDADE
Feira do Mercado	Porto Alegre
Brick da Redenção	Porto Alegre
Caminho dos Antiquários	Porto Alegre

Este levantamento de lojas específicas, não específicas e feiras foram feitas basicamente através de indicações durante o trabalho de campo e buscadores na internet, mas representam apenas uma amostra das lojas e feiras existentes no território gaúcho que de alguma forma trabalham com o suporte.

Meu primeiro contato de fato com os comerciantes aconteceu após a finalização do meu projeto de trabalho de conclusão. Em janeiro de 2011 tive a

oportunidade de conhecer Tiago Ramalho, em uma visita casual ao Mercado Público, estabelecendo contato com meu primeiro informante em potencial.

Paro na primeira banca e falo com os vendedores, pergunto se sabem quem organiza a feira, por coincidência são eles mesmos. Dessa forma conheço Tiago e Antonio, dois colecionadores que organizam pequenas feiras, junto com uma pequena rede de outros colecionadores, como um pequeno clube. Converso, explico meu projeto brevemente, como eu já havia observado é fácil falar com colecionadores, é uma necessidade própria destes sujeitos.

(Diário de campo, 13 de janeiro de 2001)

No diário, refiro-me a colecionadores e não a comerciantes, porque assim como a maioria dos comerciantes, o informante Tiago também é um colecionador. Mesmo os que não colecionam, acabam enxergando seus produtos de comércio (vinil) como suas coleções, criando uma dupla relação com o suporte. Este primeiro contato me fez perceber que seria difícil separar a categoria colecionador de comprador por completo, pois muitos transitam entre estas duas relações.

Eu tenho uma casa, é meu único bem, herdei dos meus pais. E agora eu tô comprando de tudo, tudo que é vinil eu tô compando, independente do que for. Um dia eu queria abrir pras pessoas isso, nessa casa.

(Tiago Ramalho)

É válido também registrar a peculiaridade da Feira de Discos do Mercado, na verdade a feira com mais de oito anos de atividades nem tem nome de fato instituído, mesmo não sendo feita sempre no Mercado Público de Porto Alegre, foi batizada desta forma pela população no geral, tornando-a marca registrada do Centro da cidade, aliada à figura do mercado. A Feira também é uma pequena rede, com atores e relações tão variados quanto os discos nela comercializados, que pelo curto tempo, infelizmente não serão estudados aqui.

Foto 4 – Entrevista com Tiago durante a Feira do Mercado.



A entrevista com o Tiago foi a primeira das que estavam programadas, mesmo tendo feito uma entrevista piloto para o projeto de trabalho de conclusão, no acervo do Museu Hipólito José da Costa, nunca me senti totalmente segura em campo, até pelo fato do método etnográfico não ser muito difundido na Biblioteconomia.

Primeira entrevista hoje na feira do Mercado, mesmo com o roteiro pronto e tudo teoricamente planejado a coisa só funcionou porque o informante estava envolvido com a ideia e a interação foi fantástica. É impressionante observar a dinâmica da feira, após oito anos de existência já se incorporou à paisagem do mercado e mesmo sujeitos que não colecionam param para garimpar a esmo.
(Diário de campo, março de 2011)

O Tiago parece tão nervoso quanto eu no início, mas no decorrer da entrevista conseguimos nos acostumar à ideia e tornar a conversa até mesmo natural. Tenho tempo para observar o lugar, as pessoas e, até mesmo, elaborar questões sobre a cultura da feira em si, que ocorre dentro de uma dinâmica singular com os frequentadores do Mercado.

Já a Livraria do Trem foi selecionada a partir de uma pesquisa na internet, vários sites citavam o sebo em São Leopoldo como um local de comércio de vinil, uma rápida visita ao blog do sebo fez com que minhas possíveis dúvidas fossem esclarecidas. Com uma organização pouco vista e uma nova forma de comercialização de vinil, pautada pela total qualidade e pela venda de vinis novos, constatei que a Livraria do Trem já fazia parte do roteiro dos colecionadores do RS.

Foto 5 - Julio Cesar e Daniel no acervo da Livraria do Trem.



O contato foi feito por telefone, quando um dos funcionários da livraria me confirmou a entrevista em um sábado, com o proprietário do local. Para minha surpresa, ao chegar à livraria, sou recebida por dois rapazes, Julio Cesar e Daniel, ambos proprietários. Um imprevisto que de início fiquei na dúvida em como lidar, mas que foi de grande proveito, pois um dos comerciantes (Julio Cesar) também era colecionador e no decorrer da conversa pude comprar a postura dele como colecionador-comerciante e a postura do Daniel, apreciador, mas não colecionador do suporte.

A loja O Colecionador, localizada em Caxias do Sul, já havia aparecido também em pesquisas na internet, mas o fator determinante para elencar o

local como passível de investigação, foi o fato de ter sido citada pelos proprietários da Livraria do Trem, que já haviam vendido LP's para o sebo O Colecionador. Com o comércio virtual de discos em sites como o Mercado Livre e eBay, estas relações de vendas entre comerciantes, de diferentes regiões se intensificou, dentro e fora do Estado.

Foto 6 - Sueli na loja O Colecionador.



A entrevista também foi combinada por telefone, primeiramente com um dos funcionários da loja e posteriormente com a proprietária, Sueli de Souza, que aceitou participar da pesquisa após a minha explicação breve sobre o objetivo e a natureza do estudo. Chego ao local no final da manhã de um sábado, enquanto espero a informante chegar para iniciarmos a conversa, tiro algumas fotos e observo o movimento.

O Colecionador é um sebo bem organizado, com diversos tipos de materiais colecionáveis como livros, revistas, figurinhas, CD's e é claro, disco de vinil. Estes têm destaque especial na loja, figurando na vitrine e ao longo do rodapé de todas as estantes, de outros materiais. No tempo que aguardo

a chegada da Sueli para a entrevista, um menino que aparenta não ter mais do que 12 anos se interessa pelos discos, olha com atenção as capas e o encarte de um vinil da banda Iron Maiden, detalhes jamais vistos em um CD.

(Diário de campo, 30 de abril de 2011)

Sou recebida pela Sueli e fazemos a entrevista junto ao acervo. Ela me mostra toda a loja, relata suas experiências como comerciante e assim como o Daniel da Livraria do Trem, ela apresenta uma visão muito lúcida do mercado do vinil.

Esse processo de investigação, nos locais de comércio de discos foi particularmente sedutor. Em algumas lojas apenas entrei e “garimpei”, como se fosse uma simples compradora, sem falar sobre a pesquisa ou fazer muitas perguntas. Estar nesses ambientes e poder observar dessa forma um pouco oculta me proporcionaram uma visão pura de algumas das relações da rede, como o comércio, a troca de informações e o colecionismo.

6.3 DOCUMENTALISTAS

Ouvir os documentalistas, isto é, os responsáveis técnicos pelos acervos fonográficos, envolveu primeiramente uma pesquisa dos acervos existentes, seja em museus, bibliotecas ou centros culturais. O resultado superou minha expectativa inicial, que antes do início do estudo estimava, no máximo, sete acervos espalhados pelo RS. Os acervos foram separados em disponíveis e indisponíveis, os acervos disponíveis são os já processados e à disposição para visitas e consultas, os acervos indisponíveis são os que ainda se encontram em fase de pesquisa e processamento.

Tabela 4 - Levantamento dos acervos de discos disponíveis no RS e suas dimensões aproximadas.

ACERVOS DISPONÍVEIS	CIDADE	ACERVO
Discoteca Pública Natho Henn	Porto Alegre	36.000
Museu de Comunicação José Hipólito da Costa	Porto Alegre	30.000
Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore	Porto Alegre	5.700
Museu Joaquim Francisco do Livramento	Porto Alegre	600
Museu dos Capuchinhos	Caxias do Sul	30.000
Fundarte	Montenegro	1.500
Museu Rodolfo Martensen	Rio Grande	14.000
Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi	Flores da Cunha	500
Museu Diretor Pestana	Ijuí	2.500
TOTAL		

Tabela 5 - Levantamento dos acervos de ainda indisponíveis no RS e suas dimensões aproximadas.

ACERVOS AINDA INDISPONÍVEIS	CIDADE	ACERVO
FAPA	Porto Alegre	
Museu de Venâncio	Venâncio Aires	
Museu Municipal de Caxias do Sul	Caxias do Sul	
TOTAL		

A busca por estes acervos foi feita através de diversas fontes de referência, sendo na grande maioria fontes pessoais, sites institucionais, guias de museus, entre outros. Contudo, é importante frisar que este levantamento não representa a totalidade de acervos de discos existentes no RS, apenas os que a limitação de tempo permitiu a esta pesquisa. Nesta pesquisa, surpreendi-me com a diversidade e riqueza contida nestas coleções públicas e particulares, observada também em outros contextos e espaços fora do RS:

Os acervos tratados fazem parte da memória musical do Brasil. Neles, estão registradas interpretações de músicas brasileiras, compositores, intérpretes, idéias e ideais de diferentes épocas. Além disso, uma outra memória está presente nos discos – a da própria tecnologia dos registros sonoros. A digitalização, ainda que mude o suporte original em decorrência do uso de uma outra tecnologia, permite preservar e tornar acessível a informação registrada, isto é, as músicas gravadas nos discos.

(SILVA, 2008, p. 37)

Dos nove acervos disponíveis, foram pesquisados três, levando em consideração seu tamanho, seu tempo de existência e documentalista a ser entrevistado. Achei lógico iniciar o processo de entrevista pela documentalista da DPNH, por se tratar do acervo mais tradicional do RS e de um informante – Ionice de Oliveira – com o qual eu já havia tido uma aproximação durante meu estágio na DPNH. Tendo trabalhado por quase duas décadas como responsável pelo acervo, é sem dúvida a documentalista mais experiente em termos de registro e tratamento de discos no Estado.

Foto 7 - Entrevista com Ionice no acervo da DPNH.



Por seu tempo de trabalho dedicado aos discos, Ionice participou efetivamente da construção do acervo, que ao contrário dos demais, adquiriu discos através de compra, não apenas através de doações de colecionadores e rádios. Estas aquisições por compras eram feitas pela extinta Associação de Amigos e por alguns diretores da Discoteca:

Geralmente era o erudito que era comprado, e aí quando a gente fazia exposições que faltava material pra aquela exposição, aí a gente comprava os discos em função da exposição.

(Ionice)

O Museu dos Capuchinhos (MUSCAP) foi um dos acervos selecionados devido à sua localização, presença de documentalista e divulgação constante do trabalho. O museu, pertencente à ordem dos Frades Capuchinhos do RS possui um acervo de aproximadamente 30 mil discos e seu rápido crescimento, com doações primeiramente de rádios capuchinhas e posteriormente da comunidade em geral, mostra como um local desses se fazia necessário na serra gaúcha.

Sou recebida primeiramente pela estagiária, estudante de História, Geísa Guterres, que há quase um ano vem trabalhando no processamento técnico de discos, bem como na padronização deste processo. Fico impressionada com a qualidade técnica que a Geísa impõe ao acervo, talvez por exigência do estágio, mas em grande parte por iniciativa própria, a qualidade se assemelha ao proposto por profissionais da informação.

Foto 8 - Geísa, junto ao acervo do MUSCAP.



Terminada a entrevista com a Geísa, foi a vez de conversar com frei Celso Bordignon, idealizador do acervo e grande defensor da preservação do vinil como patrimônio cultural, é o responsável pelo MUSCAP. Novamente me deparo com dois informantes, com visões diferenciadas de um mesmo local, enquanto temos na Geísa uma relação técnica e profissional, vemos em frei Celso uma relação apaixonada pela Museologia, que por sua vez, engloba o vinil pela memória cultural que estes contêm.

Foto 9 – Frei Celso no MUSCAP.



Eu gosto do trabalho que eu faço, acho um desafio grande, muitas vezes a gente desanima, também porque as pessoas não compreendem a proposta. Elas têm pouco conhecimento da área de Museologia, acervo, conservação, restauração, então é uma luta constante, pra educar, pra formar consciência, que é o mais importante.

(Frei Celso)

Em um sábado de céu cinza e frio, saio mais uma vez a campo, desta vez para conhecer o acervo da Fundação Municipal de Artes de Montenegro (Fundarte), onde a bibliotecária Patrícia de Souza me aguarda para uma

entrevista. Mesmo não trabalhando aos sábados, a Patrícia fez a gentileza de me atender e participar do estudo através das suas narrativas, disposição que nem sempre encontrei em outros locais onde sondei uma possível visita fora do horário habitual.

Foto 10 - Patrícia junto ao acervo da Fundarte.



O acervo apesar de pequeno é um dos mais tradicionais do Rio Grande do Sul, mesmo sem ter tido sua memória preservada ao longo dos anos, narra por si só a relação da instituição com a música e não deixa de ser uma parte da memória da cidade de Montenegro.

Vale fazermos aqui uma pequena contextualização da profissão de bibliotecário junto aos acervos fonográficos. Não só o bibliotecário, mas arquivistas, museólogos e historiadores, que comumente acabam tomando a responsabilidade sobre estes acervos, têm como principal função preservar as informações contidas nestes suportes, que algumas vezes são únicas e narram determinado capítulo da história musical, através da música nos sulcos dos discos e da arte de suas capas. Outro ponto observado, ao que nos toca como profissionais da informação é a questão do espaço físico destinado aos acervos. Com exceção talvez da DPNH, que ocupa um espaço considerável na

Casa de Cultura Mario Quintana, os demais locais que abrigam os acervos fonográficos se encontram saturados, exigindo criatividade dos seus documentalistas.

7 ENTREVISTAS

Nos subitens a seguir serão transcritas partes das entrevistas realizadas com colecionadores, comerciantes e documentalistas, expondo suas relações com o vinil e suas relações com outros sujeitos ligados ao vinil. De todas as entrevistas realizadas, conversas com colecionadores e comerciantes que por sua vez – em grande parte - também são colecionadores foi elucidativo sobre como o suporte se mantém vivo não só no RS, mas no mundo.

Sobre “usuários-colecionadores-aficionados” aprendi que é uma necessidade deles falar, verbalizar o seu relacionamento com o “bolachão”. É só estimular brevemente que temos narrações ricas, como uma justificativa para ainda se atermem ao suporte.

(Diário de campo, janeiro de 2011)

O tempo passado em campo foi praticamente diário, estando na DPNH todas as manhãs, deixei parcialmente o trabalho técnico de lado para prestar mais atenção aos usuários e para interagir com os mesmo.

Um dos divisores de água nesta pesquisa foi a participação no Encontro Estadual Em tempos de Vinil, organizado pela Discoteca Pública Natho Henn, que buscou reunir em quatro dias, colecionadores, comerciantes e pesquisadores envolvidos com o vinil em todo o RS. Como parte da equipe organizadora, auxiliei e acompanhei a busca por estas pessoas, que após dois meses de contatos através de e-mails, redes sociais (Orkut e Facebook) e telefonemas, começaram a se manifestar de diversas partes do Estado. Muitos não puderam participar do evento, devido à distância e o tempo, mas foi formalizada uma rede de contatos até então inexistente. Adiante, veremos o mapeamento de locais onde podemos identificar indivíduos envolvidos com o suporte. A observação na Feira do Vinil do Mercado em diferentes fases da pesquisa também colaborou de forma significativa para esta pesquisa e levantou questões para novos estudos na área.

Ao longo do campo foram entrevistados informantes diante da câmera e tantos outros fora das objetivas, quando desenvolvi relações profissionais e até mesmo de amizade.

7.1 ENTREVISTA COM COLECIONADORES: **Uma relação de paixão**

Conforme já havíamos observado anteriormente, o ato de ter e manter são universais e atemporais, é quase certo que o ser humano, ainda que inconscientemente, coleciona, já colecionou ou irá colecionar algo ao longo dos anos. Em se tratando do vinil, é interessante observar que a maioria dos indivíduos começa suas coleções ainda jovens, geralmente por influência familiar, incorporando a prática a partir da convivência com pessoas próximas.

Família, é. E...é isso aí, o trabalho é esse, entendeu? Vinil eu conheço desde 14 anos, tinha meu irmão mais velho. [...] É, meu irmão mais velho era assim, ele fazia festinha de garagem e tal, daí eu era pequenininho e ia lá dá uma olhada. Bah, cheio de namorada bonita, os discos legal “ah, vou lá dar uma furungada pra ver qualé”. [...] É, muito legal, daí começou, daquela época pra cá conheci essas coisinhas aqui (mostra disco) e nunca mais parei.

(Tiago)

Certo, então, comecei já dentro de casa a história toda do vinil, minha mãe já era colecionadora de vinil, tem meus tios que eram colecionadores de vinil também... é...então ali eu aprendi a escutar os discos, tinha tudo, tinha anos 60, tinha anos 70 e lá em casa sempre rolava muito tipo festinha em casa, uma vez por mês, coisa assim, onde ia meu tio que fazia as festas dele e fazia na época só com vinil e eu assistia isso, tava dentro de casa e ficava assistindo isso. Minha mãe trabalhava na Globo [livraria], ela trazia muito vinil, naquela época as lojas Globo vendia vinil, na época, minha mãe trazia muito vinil de lá. E ela tinha uma coleção enorme, tinha um três em um dentro de casa e eu adorava ver aqueles vinis, ver as capas, ver tudo, escutar o vinil. Adorava também fazer as gravação, fazer as fita tape dentro de casa através do vinil, fazia minha própria seleção.

(Anderson)

Temos um colecionador, nosso cliente, que coleciona só Beatles, ele tem 10 anos. Não sei se por influência da família, ou se ele escutou em algum lugar e se apaixonou. Mas ele vem sempre aqui atrás de alguma novidade e é só Beatles.

(Daniel)

Tinha Kool Herc, que é um dos DJs pioneiro também dessa arte do vinil, da discotegem aí. Tinha o DJ Grand Master Wyzard que também é um dos pioneiros disso aí, aprendeu em casa, ia puxando o disco, o disco ia arranhando assim, a

mãe dele chamou ele, quando vê ele puxou o disco, daí gostou daquele risco ali e começou a brincar. Até aí nem eu sabia disso, mas né, eu também gostei disso aí, eu ouvia aqueles risco ali e digo: “pô, isso aí é feito com vinil, pó sou um colecionador de vinil”. E aí dentro do meu 3 em 1 de casa eu começava a fazer isso aí, minha mãe me odiava assim né, não gostava disso aí: “vai estragar meus discos? Que isso?”

[risos]

(Anderson)

Eu comecei a comprar com uns 12, 13 anos, daí passou um tempo eu parei, vendi alguns e depois eu recuperei tudo, assim de uns...5 anos pra cá que ela cresceu bastante assim, que eu comecei a buscar fora também. [...] em casa tinha alguns discos dos meus irmãos mais velhos, mas não tinha...ninguém era fissurado, então a gente brincava na casa dos amigos [...]e eu fui pegando gosto.

(Boris)

Uma das características de uma rede são as práticas e os interesses em comum, em um determinado grupo de indivíduos. Dentro desta perspectiva é natural a observação de termos êmicos, utilizados pelos atores desta rede, uma linguagem própria que inclusive identifica os que de fato estão envolvidos no universo do vinil. Ao longo da minha inserção em campo, aprendi a compreender esta linguagem e muitas vezes me apropriar dela, como forma de aproximação de determinados informantes, conforme Rocha e Eckert (2008), esta compreensão das falas e dos gestos dos indivíduos de determinado grupo, traduzem seus sistemas de valores para pensar o mundo.

Talvez pela formalidade que a câmera impôs em alguns momentos, estes termos foram identificados ao longo da inserção de campo, sem infelizmente terem sido capturados nas entrevistas, mas sim no processo de observação dos informantes dentro dos seus ambientes. Termos clássicos e popularizados como “bolachão” em referencia ao disco e “garimpo” em referencia à busca por discos em diferentes tipos de comércio, ou “filé” em referencia a discos raros foram observados constantemente em campo.

O colecionismo já foi tema de diversos estudos, frequentemente ligados a nostalgia, que relacionam o indivíduo com determinada fase de sua vida e a experiências ao longo desta. Coleções também podem ser motivadas por status, como símbolo de poder aquisitivo. Fleck (2008) nos traz a perspectiva de que para colecionadores de discos o valor é tanto nostálgico quanto

monetário, uma vez que as coleções evocam memória agregada ao alto custo que uma coleção de LP's pode alcançar. Essa relação de apego, nostalgia e status são visíveis em vários níveis entre os informantes estudados.

Me fizeram uma oferta muito boa pra mim pelo *The Dark Side of the Moon* do Pink Floyd...eu abri mão do meu, da minha coleção, que era o único que eu tinha, pra pessoa fechar a coleção dela.[...] Aquele eu abro mão, porque eu sei que eu vou conseguir de novo depois...mas eu tenho um Pink Floyd que só foi lançado na Inglaterra...tem uma bandeirinha da Inglaterra na capa dele, pena não ter aqui pra mostrar....ah...esse aí não tem como vender, depois tu não consegue outro. Uma edição limitada...esse aí eu não abro mão!

(Tiago)

Não há argumentos para refutar a ideia de que o colecionismo é o pilar desta rede, o ato de ter e manter é visto não só entre os colecionadores, mas entre comerciantes e em um último grau de análise entre os documentalistas, que tem justamente como principal função profissional o desenvolvimento de coleções, neste caso a dos discos. Colecionadores movimentam o comércio de discos e alimentam por sua vez, as coleções dos acervos, através de doações, geralmente póstumas.

7.2 ENTREVISTAS COM COMERCIANTES: **Uma dupla relação**

É inegável que a cultura do vinil sempre esteve fortemente ligada ao consumo, dessa forma, o comércio colaborou a sua maneira para que o vinil permanecesse sendo objeto de desejo, e assim, interligando colecionadores e comerciantes dentro de uma mesma rede. A relação dos comerciantes com outros comerciantes também é evidente, seja através da concorrência ou da cooperação entre si, o fato é que todos têm conhecimento de quem comercializa e o que comercializa.

Contudo, quem dita o ritmo deste comércio é o colecionador gaúcho, que utiliza com propriedade o conhecimento dos diversos locais de comércio de discos existentes e ainda pratica o garimpo de loja em loja, atrás de boas ofertas e discos de qualidade.

É, além da feira aqui já tem os colecionadores, o pessoal que já me conhece há muito tempo. A gente tenta manter contatos e também quando tem a feira eles vêm, a gente se comunica mais aqui né. Aí tem aqueles, claro, aqueles que são mais chegados daí a gente se fala mais, muito mais do que aqui, só na feira, fora daqui também. Procura eles nos locais deles, trabalho e tal e aqui me ajudou a conhecer muita gente, já conhecia antes né, mas aqui eu já fiz muito mais amizade, todo mundo me conhecia assim.

(Tiago Ramalho – Feira do Vinil)

Já teve muitos comerciantes de Porto Alegre, quase todos assim, que tem um trabalho assim e a gente conhece lá que vieram aqui na loja. Olhando acervo, alguns se identificam, até alguns se identificam porque a gente conhece quase todos né?

(Daniel)

Sim, sim.

(Cesar)

Então, mas outros que a gente sabe, mas não se identificaram, olham assim, mas a gente não tá participando muito, porque a gente ficou realmente dessa forma ilhado né, porque dos fora de Porto Alegre tu tem a Prisma? Acredito que uma loja antiga também e São Leopoldo somos nós né, iniciamos agora há pouco tempo esse trabalho.

(Daniel)

Recebemos alguns e-mails às vezes procurando algum material, temos contato assim, mas na verdade o nosso maior contato é com o cliente, com compradores e com os vendedores, pessoas que querem se desfazer do seu material. Que na verdade é o que faz com que o comércio de vinil exista né, porque na verdade o vinil, fábricas de vinil no Brasil, acho que se existirem...existe uma agora que talvez esteja voltando, mas é algo assim bem...nem existe mais né.

(Sueli)

A internet, através de sites de vendas online, dinamizou o processo de compra e venda de discos, possibilitando que a rede se expandisse de forma vertiginosa, inclusive com atores de fora do RS, em uma rede mundial. A maioria dos comerciantes passou a vender por sites como o Mercado Livre e eBay, onde o garimpo virtual possibilitou que os colecionadores tivessem acesso a discos dentro e fora do estado.

Discos considerados raros, também se tornaram acessíveis no sentido de oferta, alguns títulos que antes levavam anos para serem encontrados e

demandavam pesquisa intensa por parte dos colecionadores, atualmente podem ser encontrados nestes mercados virtuais.

Estatísticas dizem que se vende um disco a cada dez segundos na internet né, isso só no eBay, desconsiderando outros sites como o Mercado Livre e outras formas também, sites próprios que comercializam discos. Então a gente trouxe, aí dei a ideia, vamos trabalhar com o vinil e vamos rabalhar de uma forma bem qualificada né, com conhecimento de causa né.

(Daniel)

E não tem mais disco difícil, essa que é a verdade, com a internet se popularizou assim, ficou bem mais viável de se achar títulos difíceis né, não tem mais aquela coisa o Paêbirú da vida, ah era uma lenda, ninguém tinha, hoje em dia tu acha, Louco por Você tu acha também, então não tem mais esse problema todo de se achar títulos assim.

(Cesar)

Nós temos o nosso e-shop né, no Mercado Livre, então é algo que tu divulga a tua loja, que tu tem teus produtos expostos e à disposição pra quem tiver interesse de comprar, a gente vende vinte e quatro horas por dia, não só pro Brasil pra todo mundo.

(Sueli)

De todos os seguimentos da rede estudada, os comerciantes são sem dúvida os indivíduos mais atentos às mudanças e às nuances do que se passa dentro do universo do vinil. Em parte pela concorrência e em parte pelo público, que exigente e com variado gosto musical garimpam em diversas lojas sem manter uma fidelidade de compra, independente da qualidade do serviço. Por essa necessidade advinda da concorrência, que mesmo sutil existe, são consistentes e racionais suas observações sobre clientes e mercadoria.

Comprar um disco usado tem que fazer uma avaliação do material, e não, não tem como né. O estado físico tem que ser avaliado porque não tem como comprar de olho fechado algo usado né, ainda mais disco que é um material perecível né. Pode tá...ãh..investindo dinheiro em uma coisa que vai ficar encalhada né, se tu não fizer uma análise boa do que tá comprando.

(César)

É...esse público hoje o que é, ele é um público já estabelecido, com padrão social já, com a vida encaminhada né, então eles

tem um poder aquisitivo maior. Então o disco ele...o disco mesmo ele tendo voltado agora, ele jamais vai voltar a ser popular né. Porque ele tem uma outra ideia, uma outra ideia de como...não é só a música que tá, que tá imperando ali né. Porque se tu for ver hoje, num mundo assim extremamente globalizado, a internet realmente tá com uma velocidade exacerbada, as pessoas hoje elas escutam música fazendo alguma coisa né. O disco ele te propõe um descanso para essa tecnologia, isso tá pra além do bem e do mal, não significa que o que que é melhor ou o que que é pior né.

(Daniel)

O vinil não é algo assim como o CD que tu grava as músicas, tu baixa da internet. O vinil não, quem gosta de um grupo ou quem gosta de ouvir música, eles valorizam toda a questão da sonoridade do vinil, valorizam a história do vinil a história da banda [...] tem todo o encarte, a história da gravação, então o que nós percebemos é que as pessoas chegam a se encontrar pra ouvir o disco de vinil. [...] O público é diversificado, pessoas lá de mais de 50 anos, de 30 a 50, os jovens, garotada que ta descobrindo essa nova forma de se ouvir.

(Sueli)

Este seguimento da rede, que muitas vezes se confunde com o seguimento de colecionadores, como no caso do César e o do Tiago, são os responsáveis diretos pela dinamização da rede, seja na ampla circulação de discos possibilitada pela internet ou pela agregação de novos atores, que tem contato com a mídia não só por influência familiar, mas pelo fetichismo dos relançamentos em vinil, divulgados principalmente por estes comerciantes na internet, ambiente comum para jovens que passam a buscar este produto.

7.3 ENTREVISTAS COM DOCUMENTALISTAS: **Rede pela preservação**

O surgimento dos acervos gaúchos de discos se deu conforme a necessidade de cada região e instituição, o que todos têm em comum no seu início, é a presença de algum indivíduo ligado fortemente ao suporte e à música, que tornou possível o início do trabalho. No caso da DPNH, o compositor e pianista gaúcho Natho Henn foi o responsável pela abertura do acervo, que no início tinha o nome de Discoteca Pública do Rio Grande do Sul e que ganhou seu nome após seu falecimento. No MUSCAP, Frei Celso Bordignon se comprometeu em preservar os acervos da ordem inicialmente,

abrindo o acervo para novas doações da comunidade após o sucesso do projeto.

O acervo da Fundarte, ao que tudo indica, foi iniciado juntamente com o Conservatório Municipal de Música, servindo de suporte ao ensino da música. Tendo sido fundado em 1959, o Conservatório se tornou Fundação em 1984, levando-nos a crer que este acervo tem cerca de cinqüenta anos e assim como os demais acervos, resistiu ao tempo e coexistiu até então com as demais mídias musicais. Neste caso é visível o envolvimento de sujeitos fortemente ligados à música na construção do acervo.

No início, quando o Natho Henn resolveu juntar os discos pra fazer audições, pro povo em geral que a Discoteca começou sendo uma salinha na Biblioteca Pública do Estado e...então era só erudito, ele queria divulgar a música erudita. Com o passar do tempo, a Discoteca foi ganhando corpo próprio, vida própria e abriu o acervo, aí atualmente nós temos erudito, popular, nacional, estrangeiro, folclore, de tudo.

(Ionice)

A questão do vinil é assim, nós tínhamos muita coisa museus...nos conventos né, e esse acervo dos conventos de discos clássicos e de música religiosa, alguma coisa de música profana, entre aspas né, música popular brasileira e etc. Tava lá jogado, começamos a recolher, depois de um tempo as nossas rádios que não usam mais vinil né [...] Então bom, vamos guarda uma boa coleção, então escolhemos a rádio Garibaldi né, que é outra rádio que é nossa, então veio toda pra cá. [...]. Aí nos fomos também a Soledade, também a nossa rádio, o que tinha lá eles trouxeram e estamos recolhendo aí né. E daí já um frei tinha um disco lá, trouxe, outro trouxe também e “ah, eu tenho um disco que é raro” e daí formou o primeiro acervo.

(Frei Celso)

Eu acredito que assim, desde o início, porque era um Conservatório de Música, a Fundarte tem 35 anos, então 35 anos atrás era um Conservatório de Música. Então tudo que as pessoas tinham em casa de música, que não queriam mais, queriam se desfazer, traziam pra cá [...] e os vinis foram vindo assim e quando entrou a era do CD muitas pessoas se desfizeram dos seus LP's, provavelmente, não tenho certeza, acho que a maioria veio pra cá.

(Patrícia)

A relação destes acervos com outros atores desta rede de dá basicamente através de trocas e doações de duplicatas, pesquisa no acervo e

troca de informações sobre tratamento do acervo. Podemos observar relações com colecionadores, pesquisadores e outros acervos. Nos locais percorridos, nas entrevistas e nas diversas conversas ao longo do campo, é possível perceber a carência de informações no que diz respeito ao tratamento dos acervos fonográficos em geral. Técnicas simples e de baixo custo para conservação destes materiais, muitas vezes são obtidas junto aos colecionadores e seu conhecimento empírico.

Eles vinham visitar a Casa, ficavam sabendo da nossa existência, da Discoteca e nos pediam as duplicatas. Então como é muita duplicata que a gente recebe, nós sempre enviamos pro pessoal do interior. Igrejinha, eles nos pedem, Santo Ângelo, tem um centro comunitário que já levou material nosso Boa Vista do Buricá [Cadeado]...Cruz Alta também já levou...e a gente procura manter contato com estas instituições. E é uma pena, são discos muito bons e às vezes super conservados, mas como nós já temos e o nosso tá ótimo não tem porque ficar com três, quatro exemplares.

(Ionice)

Tem muita duplicata que nós teremos que dar um destino, trocar, vender, sei lá, não adianta nós guardar um monte de discos aí né, que vai ajudar a completar outras coleções doando e completando a nossa também.

(Frei Celso)

Na verdade eu entrei em contato com todos os museus de imagem e do som que eu consegui [...] a minha pesquisa na verdade era pra saber como melhorar e se eu tava fazendo certo [processamento técnico], entrei em contato com os arquivologistas, entrei em contato com várias pessoas que me ajudaram um monte [...] eu entrei em contato com a discoteca de Ijuí [Museu Antropológico Diretor Pestana] [...] me ajudaram muito.

(Geísa)

Os acervos do RS são ricos em termos de material e tratamento. Conforme exposto no levantamento parcial dos acervos existentes, é visível o interesse generalizado em manter e preservar discos, em todas as suas rotações e gêneros. Cada acervo tem seu objetivo de preservação, que contempla discos e capas, bem como canções de grupos locais que só existem nestes suportes e ainda não foram digitalizados.

E agora ficou reduzido, até em função da internet, mas isso não desmerece o nosso trabalho, porque nós temos muita coisa que não tá...hum, que não foi passado pra CD. E tem muita, muita música boa que não foi passada e são essas músicas que as pessoas vêm procurar na discoteca.

(Ionice)

Eu considero importante se manter estes acervos, porque além do conteúdo que eles têm, eles têm uma música muito boa, faz parte da história da música também, a gente que trabalha com a história, tem LP's muito antigos assim, como era a música de antigamente, como é que se fazia e como ela evoluiu até hoje.

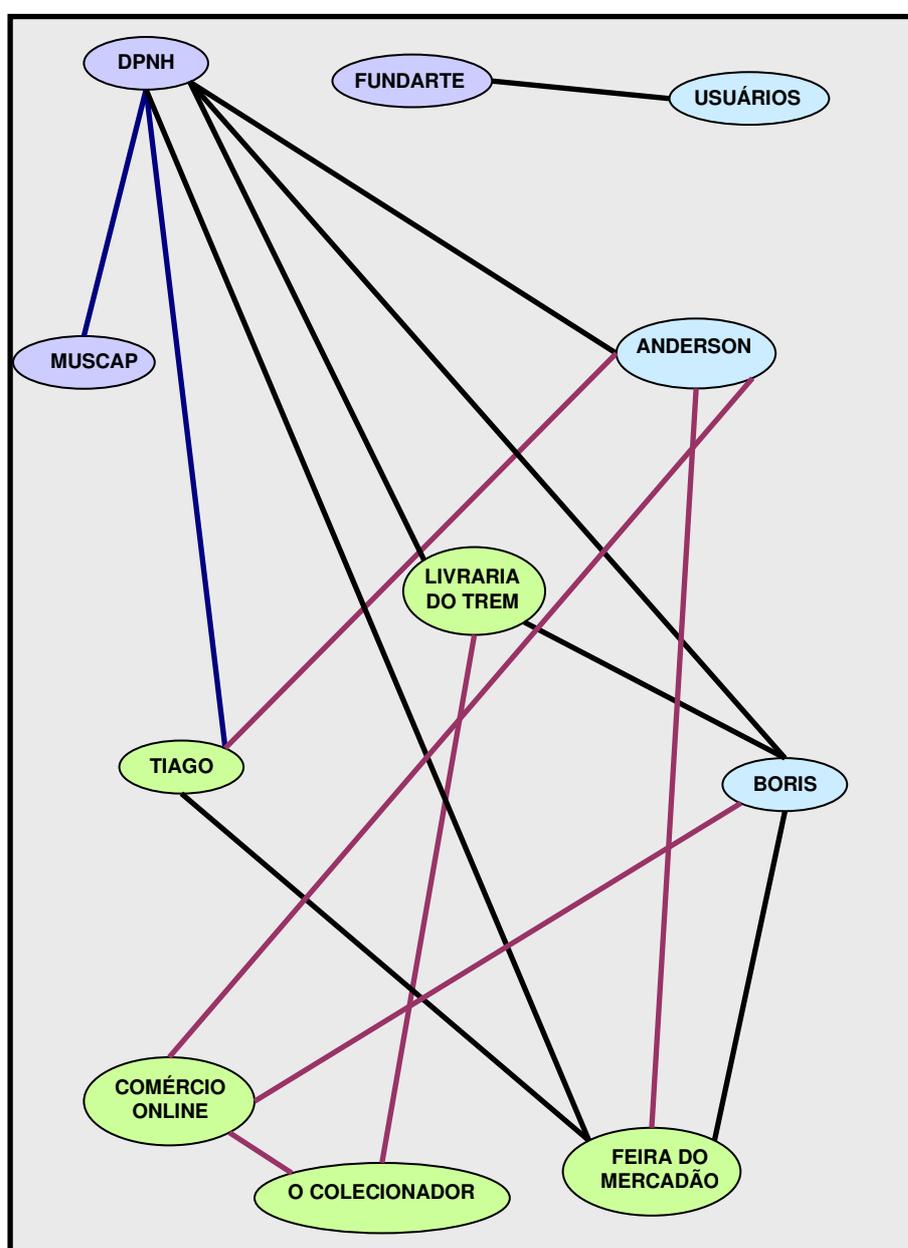
(Patrícia)

A atuação dos documentalistas foi fundamental para a preservação deste material ao longo dos anos. O profissionalismo e a criatividade, aliados a uma rede de informações, permitiu que em diversos pontos do RS, acervos tenham sido conservados, abrigando a cultura fonográfica gaúcha. Apesar dos esforços destes profissionais, é preciso atentar para a necessidade de uma ação efetiva de preservação, a exemplo do que idealizou Hardy Vedana e o Museu da Imagem e do Som, que pretendia resgatar e disponibilizar tanto o suporte quanto as informações contidas nesses. Preservar estes acervos não tem sentido se as informações que estes possuem não têm um objetivo claro, como suporte à pesquisa e divulgação da produção musical gaúcha.

8 VINIL EM REDE

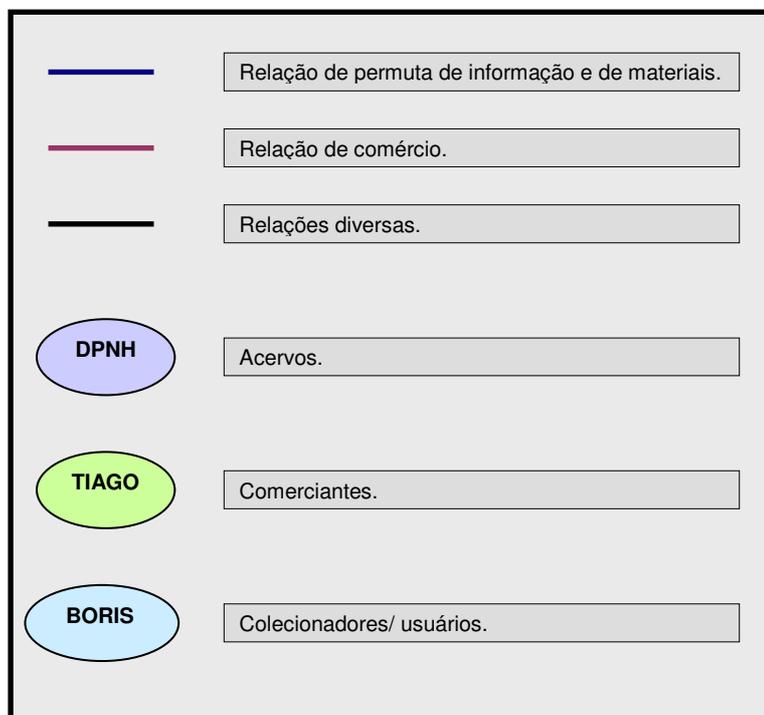
Analisando os depoimentos e as relações expostas, bem como a análise de todo o campo que nem sempre foi captado pela câmera de vídeo, mas através de pesquisas e conversas com estes atores, chegamos à conclusão que estes indivíduos estão organizados em uma rede distribuída, conforme os diagramas propostos por Paul Baran. A seguir o modelo de rede construído a partir das análises feitas:

Figura 5 – Rede distribuída dos informantes pesquisados.



Para melhor compreendermos como os informantes foram dispostos em rede, foi elaborado um sistema de cores, identificando as relações, conforme exemplificado a seguir:

Figura 6 – Legenda de cores utilizadas no gráfico da rede.



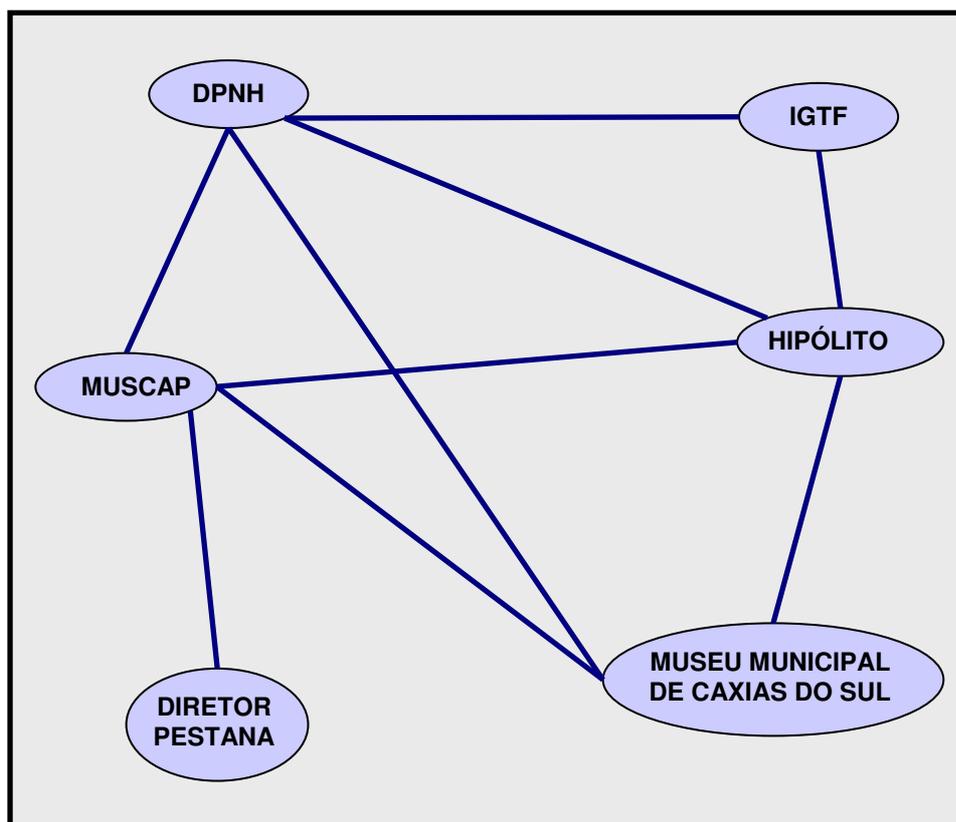
Ao vermos o gráfico da rede distribuída, é possível perceber que seus atores, divididos em suas respectivas categorias, são ligados por diferentes tipos de relações e estas relações, são a estrutura (laços) que permitem que a cultura continue viva no RS. É interessante observar, por exemplo, que o acervo da Fundarte aparenta estar isolado desta rede, com ligações absolutamente locais com os usuários – colecionadores e músicos – mas é importante termos em mente, que estes usuários não foram observados neste estudo e muito provavelmente já estabeleceram relação comercial ou de permuta com algum outro “nó” da rede, que fatalmente está ligado aos no esquema ilustrado.

Os conectores de cor preta sinalizam relações diversas entre os nós da rede, entre estas diversas relações, podemos identificar a relação de pesquisa, garimpo ou atividades em conjunto. Vale registrar, que as relações estabelecidas pelos integrantes desta rede dizem respeito aos sujeitos das

entrevistas, contudo, estes sujeitos também estabeleceram e estabelecem outras relações com outros indivíduos também ligados ao vinil, o que temos aqui é apenas uma pequena parte de uma grande rede distribuída, que se estende por todo o RS. Conforme Whyte (2005, p. 125) observou “o rapaz de esquina liga-se ao grupo por uma rede de obrigações recíprocas das quais não quer se afastar, ou não consegue”, é claro que a rede aqui analisada não tem uma estrutura tão demarcada quanto a sociedade analisada por Whyte, mas ambas são caracterizadas por indivíduos fortemente ligados ao seu grupo.

Para termos uma ideia mais ampla sobre como funcionam as relações de troca de informações e de materiais entre acervos fonográficos, foi elaborado um gráfico a parte, com atores identificados durante o processo de pesquisa:

Figura 7 – Rede de documentalistas.



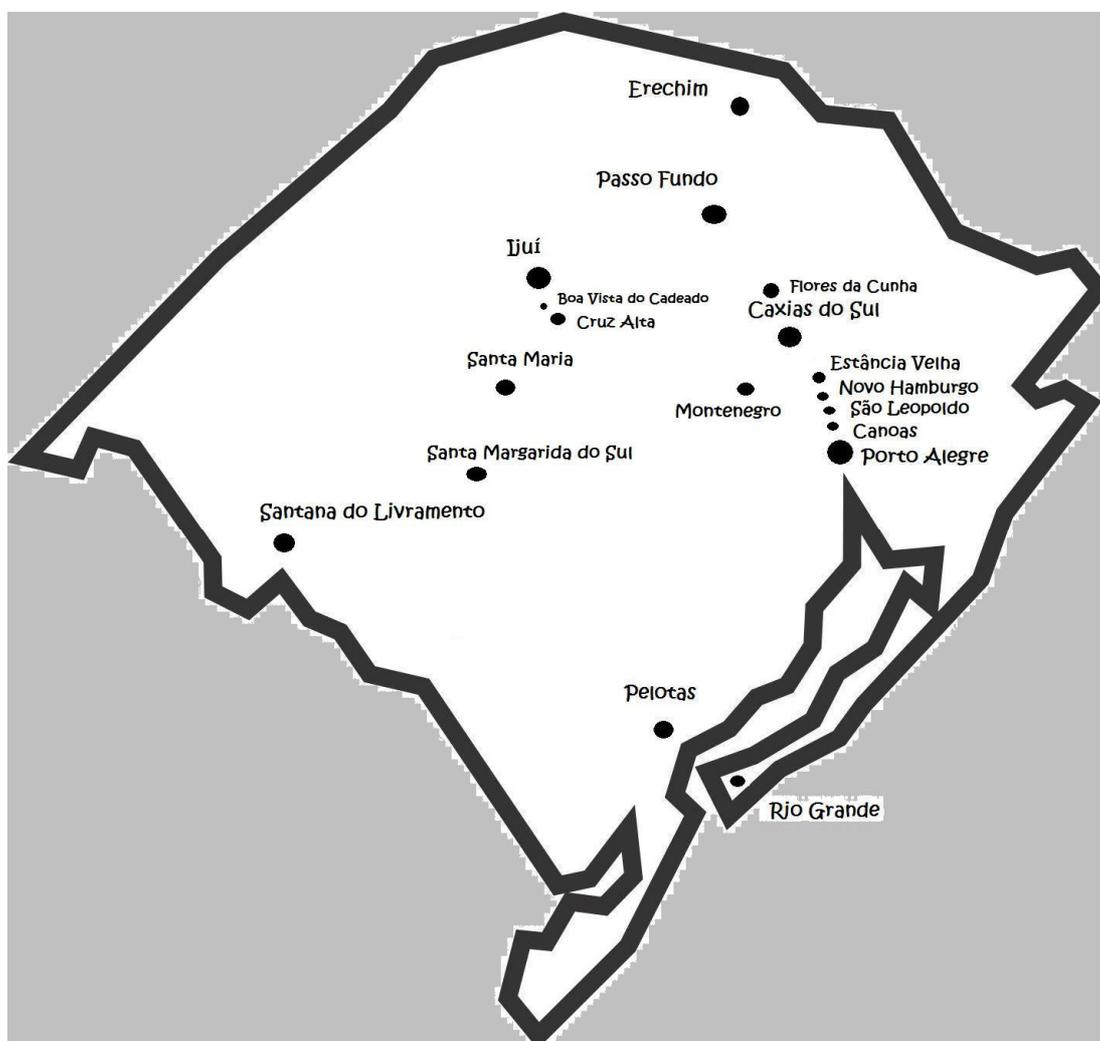
Os acervos se interligam através de seus profissionais responsáveis, basicamente na permuta de informações sobre processamento e preservação,

contudo, também foram identificadas permutas, doação e empréstimo de materiais entre as mesmas. Conforme Marteleto (2007):

Ao se relacionarem os conceitos de informação, rede, conhecimento e saber pode-se imaginar que o saber, na sua organização abstrata e geral, toma a forma de uma rede, à qual as tecnologias modernas de organização e arquivamento podem conferir uma realidade concreta e palpável.

Por fim, cabe aqui o mapeamento da cultura do vinil no RS, a partir dos dados que o tempo de pesquisa nos limitou para este levantamento de dados.

Figura 8 – Mapeamento dos locais onde no decorrer deste estudo foram identificados indivíduos ligados ao vinil.



Este mapeamento contém apenas os informantes entrevistados, bem como suas relações com outros atores da rede, narradas durante as

entrevistas. Apesar do número limitado de informantes, condicionados pelo curto período disponível, é admirável a distancia que as ramificações da rede alcançam pelo RS.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Que o disco não é uma mídia em desuso já temos diversas evidências, sejam através de pesquisas, dados estatísticos ou das tantas lojas e feiras que podemos ver pelo Rio Grande e no mundo. Isso porque o disco é um objeto singular dentro da história cultural da humanidade, seu valor nostálgico e a memória contida neste, mantém o vinil vivo e em ascensão no mundo, isso porque, conforme reflete Cuty (2010) a preservação da memória se confunde com a preservação dos objetos que evocam esta memória, este jogo, faz parte da sobrevivência e renascimento desta mídia chamada disco.

O objetivo visado era entender como se dá a cultura desde suporte no RS, identificando as relações estabelecidas dentro de uma rede de colecionadores, documentalistas e comerciantes. É verdade que este estudo nos dá apenas uma pequena amostra sobre as conexões existentes dentro deste grupo, que não se limita apenas ao Estado, mas que é parte de uma rede ainda maior, presente no mundo todo. Esta análise de rede poderá servir de base para quebrar alguns mitos, como a morte do vinil e de que o mesmo não teria um valor pecuniário considerável, poderá também contribuir para que muitos profissionais da informação possam rever suas opiniões sobre o suporte, uma vez que a chance de nos depararmos com esta mídia, em algum momento de nossas carreiras é grande.

Cabe fazermos, a partir do que foi visto até aqui, uma reflexão sobre a atuação dos profissionais da informação junto a estes acervos, que conforme já foi dito, tem como função principal preservar - a fim de tornar disponível - a informação contida no suporte, seja no disco ou em suas capas e encartes. Contudo, o que observei ao longo de quase doze meses de campo, entre projeto de pesquisa e realização da pesquisa, foi um desamparo informacional generalizado, que muitas vezes foi sanado através da rede analisada apoiada por pesquisas pessoais dos documentalistas, mas que em outros casos se refletiu diretamente no fechamento de acervos e deterioração irreversível de um verdadeiro patrimônio cultural. Em parte, podemos atribuir esta carência aos currículos disciplinares das academias, que muitas vezes priorizam a preservação de acervos em papel e até mesmo em meio digital, mas não se aprofundam em acervos de discos ou fitas magnéticas, por exemplo. É claro

que durante os cursos de graduação não há tempo para nos aprofundarmos em nenhuma área específica, contudo, é preciso que os currículos ao menos forneçam uma noção tanto da forma de catalogar quanto de preservar esse tipo de documento.

Pessoalmente, surpreendi-me de maneira positiva com a perspectiva que a narrativa dos sujeitos efetivamente envolvidos com o suporte podem nos oferecer. Realizar um estudo sobre a cultura do vinil no RS, embasada somente em documentos técnicos e científicos teria sido perfeitamente possível e até natural dentro das metodologias mais empregadas na Biblioteconomia, contudo, ficaria absolutamente distante da dimensão humana que constitui esta rede, que através de suas relações desde os áureos tempos da Casa A Eléctrica, difundem o vinil neste Estado. Por fim, ao ler o texto inteiro após concluído, deparo-me com a narrativa da minha própria experiência junto a este grupo social e minha aventura através do método etnográfico, que foi sendo amadurecido ao longo da pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, Sonia. Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos do conceito. **Informação & Informação**, Londrina, v. 12, n. 0, 2007. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1784>>
- BARAN, Paul . On distributed communications: I. Introduction to distributed communications networks. In: **Memorandum RM-3420-PR**. Santa Mônica: The Rand Corporation, 1964.
- BARNES, J. A. Redes sociais e processo político. In: FELDMAN-BIANCO , Bela (Org.). **A antropologia das sociedades contemporâneas**. São Paulo: Global, 1987. p..159-192.
- BENJAMIN, Walter. O colecionador. In: _____. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. p. 237-246.
- BITTENCOURT, Luciana Aguiar. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In: FELDMAN-BIANCO , Bela; MOREIRA LEITE, M. **Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais**. Papirus: Campinas, 1998. p. 197-212.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006. 144p.
- CUTY, Jeniffer. Revisando a dimensão conceitual e política da cultura de preservar cidades. In: FRANÇA, Maria Cristina; LOPES, Cicero Galeno e BERND, Zilá (Org.). **Patrimônios memoriais: identidades, práticas sociais e cibercultura**. Série Memória e Patrimônio 2. Porto Alegre: Movimento; Canoas: Unilasalle, 2010. p. 126-141.
- CUTY, Jeniffer. A preservação cultural sob a ótica do imaginário e da memória coletiva. **Revista Iluminuras**, Porto Alegre, v. 10, n. 24, 2009. Disponível em < <http://seer.ufrgs.br/iluminuras/issue/view/908> >
- DA MATTA, Roberto, **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social**, Petrópolis: Vozes, 1981.
- DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, mar. 2002.
- FARIA, Arthur. **Um século de música no RS**. [Porto Alegre]: CEEE, [2001].
- FLECK, João Pedro dos Santos. **O colecionador de vinil: um estudo vídeo-etnográfico**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 108 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Administração, Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

- FONSECA, Cláudia. A noética do vídeo etnográfico. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 2, p. 143-155, 1995.
- FRANCESCHI, Humberto M. **Registro Sonoro por meios mecânicos no Brasil**. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1984.
- GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____ **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 13-41.
- GELATT, Roland. **The fabulous phonograph**. New York: MacMillan, 1977.
- GUAZZELLI, Cesar Barcellos; PINTO, Céli Regina Jardim (Org.). **Ciências humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. 189 p.
- KASTRUP, V. A rede: uma figura empírica da ontologia do presente. In: PARENTE, A. (Org). **Tramas na rede**. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- LOMNITZ, Larissa Adler. Supervivencia en una barriada en la ciudad de Mexico. In: LOMNITZ, Larissa Adler. **Redes sociales y poder: ensayos de Antropologia Latinoamericana**. México: Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, 1994.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, Jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000200002&lng=en&nrm=iso>.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- MARTELETO, R. M. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência de informação. **Ciência da Informação**, Brasília – DF, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.
- MARTELETO, R. M. Informação, rede e redes sociais: fundamentos e transversalidades. **Informação & Informação**, Londrina v. 12, n. esp., p. 1-17, 2007.
- MOREIRA, Carlos André. Memória gaúcha está ruindo. **Zero Hora**, Porto Alegre, 19 jun. 2003. Segundo Caderno, capa.
- MURGUIA, Eduardo Ismael. O colecionismo bibliográfico: uma abordagem do livro para além da informação. **Encontros Bibli**, ed. esp., p. 87-104, 2009. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/147/14712771007.pdf>.

POLYSOM. Polypedia. Disponível em: <
http://www.polysom.com.br/polypedia/index.php?title=P%C3%A1gina_principal
>. Acesso em: 01 maio 2011.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Catálogo Histórico-fonográfico Discoteca Oneyda Alvarenga Centro Cultural São Paulo**. São Paulo: Secretaria da Cultura, 1993, 143p.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIIA - Recording Industry Association of America. 2011. Disponível em: <
<http://www.riaa.com/>>. Acesso em: 09 abr. 2011.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. In: **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

SALLES, João Moreira. A dificuldade do documentário. In: MARTINS, José Souza; ECKERT, Cornelia; CAIUBY NOVAES, Sylvia (Org.). **O imaginário e o poético nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2005. p. 57-71.

SANTOS, Alcino. **Discografia Brasileira 78rpm: 1902 – 1964**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1982. 549p.

SELLTIZ, C.; JAHODA, M.; DEUTSCH, M.; COOK, S. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Herder, 1967.

SILVA, Sérgio Conde de Albite. A preservação e o acesso de acervos fonográficos: relato de pesquisa. **Arquivística.net**, Rio de Janeiro, v.4, n. 2, p 35-58, ago./dez. 2008.

THIOLLENT, Michel J. M. **Crítica metodológica, investigação social e enquête operária**. São Paulo: Polis, 1982. 3. ed. Coleção Teoria e História 6.

VEDANA, Hardy. **A Elétrica e os discos Gaúcho**. Porto Alegre: Pallotti, 2006.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Desenvolvimento de coleções**. São Paulo: Polis, APB, 1989.

WASSERMAN, Stanley; FAUST, Katherine. **Social network analysis: methods and applications**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

WHYTE, Willian Foot. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ANEXO A – Roteiro de entrevista para colecionadores/usuários

TÓPICO DA ENTREVISTA	OBJETIVO
- Trajetória social: nome, idade, cidade em que reside, formação e atuação profissional.	Conhecer o sujeito entrevistado e situa-lo dentro do universo de pesquisa
- Relação com o suporte e com outros acervos: usuário de algum acervo, colecionador, tempo de relação com o suporte.	Estimular a narração de eventos que ilustrem a relação do entrevistado com o suporte.
- Relação com outros usuários: contato com outros sujeitos ligados ao vinil.	Identificar possíveis redes.
Acessibilidade do material.	Saber os cuidados que o sujeito tem como suporte, se permite o acesso de outras pessoas ao material e como compartilha o seu acervo.

ANEXO B – Roteiro de entrevista para documentalistas

TÓPICO DA ENTREVISTA	OBJETIVO
- Trajetória social: nome, idade, cidade em que reside, formação e atuação profissional.	Conhecer o sujeito entrevistado e situa-lo dentro do universo de pesquisa.
- Tempo de trabalho	Tempo que o documentalista trabalha com o vinil,
- Acervo.	Tipo de acervo, política de desenvolvimento de coleção, tempo de existência do acervo.
- Acessibilidade do material	Saber a forma de acesso que o local oferece aos usuários.
- Usuários	Saber o perfil dos usuários que fazem uso do acervo se existe algum estudo de usuário. Estimular a narração de acontecimentos ligados a estes usuários.

ANEXO C – Roteiro de entrevista para comerciantes

TÓPICO DA ENTREVISTA	OBJETIVO
- Trajetória social: nome, idade, cidade em que reside, formação e atuação profissional.	Conhecer o sujeito entrevistado e situa-lo dentro do universo de pesquisa.
- Trajetória profissional com o vinil.	Tempo de comercio de discos, se comercializa apenas discos ou outras mídias. Relacionamento com outros comerciantes (rede).
- Clientes.	Tipo de clientes, forma de pagamento. Estimular a narração de acontecimentos ligados aos clientes.

ANEXO D – Autorização para uso da imagem**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA****Autorização de Uso de Imagem (sem fim comercial)**

Declaro ter sido devidamente informado(a) pela pesquisadora Fernanda Spíndola, aluna do curso de Biblioteconomia da UFRGS, sobre os objetivos do uso da minha imagem no âmbito da pesquisa intitulada **VINIL EM REDE: estudo sobre a cultura do suporte no Rio Grande do Sul.**

Consinto o uso da minha imagem no âmbito do trabalho acadêmico, na apresentação em congressos científicos, na exposição em documentários, artigo ou livro impresso, artigo ou livro eletrônico, sem fins comerciais.

NOME DO ENTREVISTADO/ FOTOGRAFADO/ FILMADO:

RG e assinatura:

Local e data:

NOME DO PESQUISADOR:

RG e assinatura:

Local e data:

NOME DA TESTEMUNHA:

RG e assinatura:

Local e data:

ANEXO E – CD contendo trechos das entrevistas